



Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação de Santarém

Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância - Creche

Comportamentos agressivos no Jardim de Infância

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Santarém para
obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Vanessa de Matos Pais

Orientação:

Maria Leonor Santos

Sónia Seixas

2015, Dezembro

Agradecimentos

Com a finalização deste relatório, gostaria de deixar o meu sincero agradecimento a todos aqueles que o tornaram possível, seja pela ajuda prestada seja pelo apoio emocional.

Em primeiro lugar, gostaria de prestar os meus mais sinceros agradecimentos à minha orientadora, Professora Doutora Sónia Seixas, e à minha coorientadora, Professora Doutora Maria Leonor Santos, por todos os acompanhamentos e aconselhamentos prestados ao longo do trabalho desenvolvido.

Em segundo lugar, gostava de deixar uma palavra de gratidão às educadoras cooperantes dos estágios em Creche e em Jardim de Infância, pois com a sua ajuda consegui desenvolver diversas competências, e a todas as crianças dos contextos de estágio, que contribuíram para a concretização deste mestrado: cada uma, à sua maneira, vão deixar saudades.

Em terceiro lugar, gostaria de agradecer à Mónica Costa, o meu par de estágio, por toda a partilha de medos, ansiedades, compreensão e informação: sem ela teria sido mais difícil. À Dalila Moreira e família (marido e filhas), agradeço toda a vossa disponibilidade por me receberem tão bem em vossa casa nos períodos de estágio e pelas grandes conversas de força e coragem. À Liliana Romão, a ti, amiga, agradeço pelo apoio, paciência e pelas horas despendidas a ajudar-me nesta árdua tarefa, a ti um obrigado não chega para definir o quando te agradeço.

Em quarto lugar, gostaria de agradecer à Professora Doutora Sónia Seixas e à Professora Doutora Elisabete Linhares, minhas supervisoras de estágio, pelas aprendizagens que me possibilitaram realizar.

Em quinto lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, Beatriz Pais e Germano Pais, à minha irmã, Mafalda Brochado, e ao meu cunhado Bruno Brochado, pelo apoio e paciência demonstrados em todo o meu percurso, pois sem eles nunca teria conseguido chegar até aqui. À minha sobrinha, Carolina Brochado, pela disponibilidade para ser a minha cobaia nas atividades a propor nos locais de estágio.

Por último, gostaria de agradecer ao meu namorado e entretanto companheiro de vida, Carlos Santos, por toda a paciência e incentivo nos momentos certos. Por todos os mimos, carinho e apoio que foram sem dúvida fundamentais para mim.

A todos
MUITO OBRIGADA!

Resumo

O presente relatório visa descrever as várias etapas percorridas ao longo desta minha iniciação à prática pedagógica, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação de Santarém.

O mesmo está dividido em três partes: a primeira diz respeito aos estágios realizados, nomeadamente em Creche e Jardim de Infância, onde apresento num breve resumo o trabalho desenvolvido ao longo de dois semestres. Na segunda parte apresento o trabalho de pesquisa cujo objetivo é compreender o porquê das crianças em idade pré-escolar manifestarem comportamentos agressivos, que tipos de agressividade existem, como se manifestam, quais as causas e quais as estratégias educativas a utilizar.

O estudo baseou-se numa abordagem qualitativa de carácter exploratório, privilegiando como instrumentos de recolha de dados, a entrevista. O público entrevistado, foram 7 educadoras de infância.

Este estudo permitiu refletir quanto é importante para o adulto que acompanha a criança durante o dia, compreender qual o motivo que levou a criança a manifestar comportamentos agressivos perante outras crianças ou adultos, excedendo os limites. Desta forma também é importante que o adulto saiba intervir calmamente com a criança agressora e de igual forma com a criança agredida.

Por fim, faço as minhas considerações finais e uma reflexão final sobre o meu percurso académico no Mestrado de Educação Pré-Escolar.

Palavras-chave: Creche; Jardim de Infância; Comportamentos agressivos em idade pré-escolar

Abstract

This report aims to describe the various steps taken along this initiation into pedagogical practice, as part of the Master Degree in Preschool Education in Santarem School of Education.

The same is divided into three parts: the first part concerns the internships, particularly in Nursery and Kindergarten, where I present in a brief summary of the work carried during two semesters. In the second part I present research work aimed at understanding why children in preschool manifest aggressive behavior, what kinds of aggression exist, as manifested, what are the causes and what educational strategies to use.

The study is based on a qualitative exploratory approach, being the data collection instrument, an interview. The responders were seven kindergarten teachers.

This study allowed me, to reflect how important it is for the adult accompanying the child during the day, understand what is the reason that led to the child show aggressive behavior towards other children or adults, exceeding the limits. This study it is also important, to show that adult knows intervene quietly with the offending child and equally with the abused child.

Finally, I make my final remarks and a final reflection on my academic career in Preschool Education Master.

Keywords: Child care; Kindergarten; Aggressive behavior in preschool

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Índice de Anexos.....	vi
Índice de Figuras.....	vii
Índice de Quadros	viii
Siglas	ix
Introdução	1
Parte I – Os Estágios	
1. Contextualização.....	2
2. Contextos de Estágio	2
2.1 Prática de Ensino Supervisionada em Creche.....	2
2.1.1 Caraterização da Instituição	2
2.1.2 Caraterização do grupo de crianças	3
2.1.3 Caraterização da sala.....	6
2.1.4 Projeto Educativo	8
2.1.5 Projeto de Intervenção de Estágio.....	9
2.1.6 Avaliação do Projeto.....	12
2.2 Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância	13
2.2.1 Caraterização da Instituição	13
2.2.2 Caraterização do grupo de crianças	14
2.2.3 Caraterização da sala.....	15
2.2.4. Projeto Educativo	16
2.2.5 Projeto de Intervenção de Estágio.....	17
2.2.6 Avaliação do Projeto.....	19
3. Percurso de Desenvolvimento Profissional.....	20
Parte II – Questão de Pesquisa	
1. Contextualização.....	26
2. Problemática e questões de pesquisa.....	26
3. Fundamentação Teórica	26
3.1 Agressividade no Jardim de Infância	26
3.1.1 Definição de Agressividade	26
3.1.2 Tipos de Agressividade	28
3.1.3 Manifestações de Agressividade	29

3.1.4 Causas explicativas para agressividade.....	32
3.2 Estratégias Educativas	33
4. Abordagem Metodológica.....	35
4.1 Tipo de Estudo	35
4.2 Participantes e instrumentos.....	36
5. Apresentação e Discussão dos Resultados Obtidos	37
<u>Parte III - Considerações Finais</u>	
1. Reflexão Final	45
Referências Bibliográficas	48
Anexos	51

Índice de Anexos

Páginas

Anexo A.....	52
Anexo B.....	53
Anexo C.....	54
Anexo D.....	55
Anexo E.....	57
Anexo F.....	59
Anexo G.....	80
Anexo H.....	81

Índice de Figuras

Páginas

Figura n.º 1 Planta da sala	7
Figura n.º 2 Atividades que colocámos em prática: jogo de movimentos, brincar com os afetos, história de fantoches, carimbagem e brincadeira livre.....	12
Figura n.º 3 Exemplos de métodos de avaliação utilizados pelas estagiárias em contexto de estágio.....	13
Figura n.º 4 Planta da sala	15
Figura n.º 5 Fichas de trabalho para consolidação de conhecimentos.....	19
Figura n.º 6 Listagem de temáticas abordadas.....	19
Figura n.º 7 Exposição dos trabalhos realizados pelas crianças.....	20
Figura n.º 8 Ilustração do tema dos animais aquáticos no anexo A.....	52
Figura n.º 9 Ilustração do tema as diferenças do Ser Humano no anexo B.....	53
Figura n.º 10 Atividades para demonstrar as diferenças do Ser Humano no anexo B.....	53
Figura n.º 11- Ilustração do tema as Figuras Geométricas no anexo C.....	54

Índice de Quadros

Páginas

Quadro 1 - Legenda da Planta da sala.....	8
Quadro 2 – Atividades desenvolvidas e finalidades.....	11
Quadro 3 – Legenda da Planta da Sala.....	16
Quadro 4 – Atividades desenvolvidas e finalidades.....	17
Quadro 5- Análise de Conteúdos – Categorias – Manifestações de agressividade.....	40
Quadro 6- Análise de Conteúdos – Categorias - Fatores de intervenção perante manifestações de agressividade	43

Siglas

- APA - American Psychiatric Association
- CEDPI - Centro de Excelência para o Desenvolvimento na Primeira Infância
- IPSS - Instituição particular de Solidariedade Social
- ME – Ministério da Educação
- NEE – Necessidades Educativas Especiais
- OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
- OMS - Organização Mundial de Saúde

Introdução

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação de Santarém, prevê-se a realização de um relatório de estágio, que tem como objetivo dar conta do percurso formativo global desenvolvido ao longo do curso através de reflexões que envolvam ganhos de aprendizagem, momentos críticos, obstáculos, estratégias de superação dos mesmos, decisões e autoavaliações. Pretende-se também demonstrar o desenvolvimento de competências de investigação na e sobre a prática, para uma melhoria e aperfeiçoamento das ações. E, por fim, evidenciar modos de articulação da teoria com a prática, rentabilizando os conhecimentos apropriados das unidades curriculares.

Assim sendo, este relatório é constituído por uma primeira parte onde são apresentados os contextos de estágio que frequentei e o trabalho que neles desenvolvi. Em cada contexto caracterizo a instituição, a sala e o grupo de crianças. Ainda nesta parte, abordam-se os projetos educativos, o projeto de intervenção de estágio e a avaliação do mesmo. Faz-se igualmente referência ao percurso de desenvolvimento profissional, às aprendizagens realizadas, às dificuldades sentidas na prática e como foram refletidas e superadas.

A segunda parte deste relatório é dedicada ao trabalho de pesquisa, onde apresento a contextualização, e a problemática e questão pesquisa. Posteriormente é exposto uma fundamentação teórica onde é apresentado uma revisão bibliográfica das várias leituras efetuadas sobre a temática comportamentos agressivos no Jardim de Infância. Onde são abordados os conceitos de agressividade, os tipos, as manifestações, as causas e as estratégias educativas. Ainda nesta segunda parte, apresenta-se aspetos metodológicos em que são identificados onde é apresentado o tipo de estudo, os participantes e instrumentos e terminar-se com uma apresentação e análise de dados recolhidos.

A terceira parte consiste numa reflexão final onde faço um balanço global do percurso realizado ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

O relatório termina com as Referências Bibliográficas e os anexos que vão sendo referidos ao longo do trabalho.

Parte I – Os Estágios

1. Contextualização

O primeiro estágio de Prática Supervisionada foi realizado em contexto de Creche e decorreu durante o primeiro semestre do Mestrado. Foi realizado numa sala com crianças de dois anos de idade, durante seis semanas, de 4 de novembro a 13 de dezembro de 2013.

O segundo estágio decorreu em contexto de Jardim de Infância, numa sala com crianças de quatro e cinco anos de idade, durante oito semanas, de 25 de março a 30 de maio de 2014.

Ambos os estágios tiveram lugar na cidade de Santarém e ambas as instituições eram instituições particulares de solidariedade social (IPSS)¹, sem fins lucrativos, da responsabilidade da igreja católica e da iniciativa das paróquias da cidade.

Os estágios foram realizados em par pedagógico. A primeira semana de ambos os estágios foi de observação, a segunda de intervenção partilhada e as restantes semanas foram de intervenção alternada, contudo sempre planificadas em conjunto.

2. Contextos de Estágio

2.1 Prática de Ensino Supervisionada em Creche

2.1.1 Caracterização da Instituição²

Este primeiro estágio de Prática de Ensino Supervisionada foi realizada numa Creche, pertencente a uma instituição/unidade que integrava também Jardim de Infância, admitindo crianças desde os quatro meses aos cinco anos de idade.

A Creche, naquele momento, contava com 45 crianças, distribuídas por 3 salas (o berçário, a partir dos 3 meses, a sala de 1 ano e a sala dos 2 anos); todas elas possuíam casa de banho com bancadas de muda de fralda e banheiras com acesso a água quente para realizarem a higiene das crianças. Nas salas de um e dois anos as casas de banho possuíam também sanitas e lavatórios com dimensões adequadas às crianças. A Creche apresentava ainda um refeitório, que apenas era utilizado pelas crianças da sala de um ano, e uma copa que era utilizada para apoio nas refeições. Existia ainda uma sala onde se encontravam vários livros para a utilização das

¹ São instituições constituídas por iniciativa de particulares, sem finalidade lucrativa, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos, que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo autárquico, para prosseguir, entre outros, os seguintes objetivos: Apoio a crianças e jovens; apoio à família: proteção dos cidadãos na velhice e invalidez e em todas as situações de falta ou diminuição de meios de subsistência ou de capacidade para o trabalho; promoção e proteção da saúde, nomeadamente através da prestação de cuidados de medicina preventiva, curativa e de reabilitação; educação e formação profissional dos cidadãos e resolução dos problemas habitacionais das populações. (in Segurança Social, retirado de <http://www4.seg-social.pt/ipss>)

² Esta informação foi recolhida através de documentos/diálogo fornecidos pela instituição/educadora cooperante.

crianças, chamada “A sala da criança”. A sala dos 2 anos era utilizada como sala de acolhimento até chegarem as educadoras das outras salas. O Pré- Escolar contava com 70 crianças, distribuídas por 3 salas, entre os 3 e os 5 anos de idade. Estas salas possuíam, tal como as da Creche, casas de banho com equipamento adequado às necessidades da crianças.

A Unidade usufruía de uma cozinha, um refeitório, uma lavandaria, duas despensas, duas salas de estar e uma casa de banho para os funcionários.

No geral, o espaço interior educativo era amplo, bem iluminado, tanto por luz artificial como por luz natural, era arejado, apresentava um único piso (rés-do-chão); não existindo degraus, o que facilitava o acesso das crianças com NEE. O espaço exterior era relativamente grande e comum a todas as crianças, existindo duas piscinas, canteiros de flores, algumas árvores, um pequeno anfiteatro e uma arrecadação onde se encontravam alguns materiais do exterior.

A Creche e Jardim de Infância tinha uma Coordenadora que orientava a gestão de atividades, e o pessoal docente e não docente de ambas as valências. Cada membro do pessoal docente e não docente tinha uma função específica e um papel definido no seio da valência, embora todos trabalhassem em conjunto para o bom funcionamento da mesma e para assegurar o bem-estar físico e psicológico de todas as crianças que se encontravam ao cuidado da instituição.

Na Creche, o *ratio* adulto criança no berçário era de quatro crianças (no momento) para três adultos, na sala de um ano era de dezasseis crianças para três adultos e na sala dos dois anos dezanove crianças para dois adultos.

A instituição funcionava de segunda a sexta feira das 7h 30m às 19h 30m (exceto feriados nacionais e municipais). O descanso intermédio era realizado das 13h às 14h ou das 14h às 15h.

2.1.2 Caraterização do grupo de crianças³

A sala de 2 anos, onde decorreu o meu estágio, tinha um grupo de 19 crianças com idades compreendidas entre os 23 e os 35 meses. Neste grupo existiam 5 crianças do sexo feminino e 14 do sexo masculino. Não existia nenhuma criança a beneficiar de intervenção precoce.

Neste grupo de crianças nenhuma participava nas atividades extracurriculares, porque destinavam-se somente às crianças do pré-escolar. Relativamente à componente de apoio à família, todas as crianças deste grupo beneficiavam da mesma. No que diz respeito à presença deste grupo, era um grupo bastante assíduo,

³ Esta informação foi recolhida através de documentos/diálogo fornecidos pela instituição/educadora cooperante.

e em média permaneciam na Creche cerca de 10 horas/dia, podendo esta estadia sofrer alterações no decorrer do ano letivo.

Quanto ao tempo de permanência das crianças na Creche penso que para algumas esse tempo torna-se excessivo, porque a meu ver as crianças começam a ficar exaustas, impacientes, de modo que passam a manifestar algum cansaço, o que leva a que fiquem mais irrequietas, chorem, e que sejam agressivas com os colegas. Contudo, consigo compreender que, na grande maioria dos casos, as crianças passem mais horas na Creche porque os seus pais se encontram nos seus locais de trabalho, não tendo assim possibilidade de os irem buscar mais cedo. Esta permanência das crianças leva a que o educador utilize mais estratégias para que assim possa corresponder às necessidades e aos pedidos das crianças durante o dia a dia. Contudo, por vezes, torna-se difícil para o educador e também para a auxiliar de ação educativa conseguir corresponder às manifestações de insatisfação por parte das crianças, devido ao número de crianças que se mantêm na sala durante imensas horas, isto porque se as crianças fossem saindo o número reduzia e tornava-se mais fácil chegar às crianças quando manifestam a sua insatisfação.

Quanto à nacionalidade, o grupo era maioritariamente de nacionalidade portuguesa, existindo apenas duas crianças com nacionalidade estrangeira (Ucraniana). A grande maioria das crianças deste grupo residia na zona de Santarém.

De acordo com os dados facultados pela educadora cooperante, este grupo de crianças era oriundo maioritariamente de um meio socioeconómico médio. As idades dos pais estavam compreendidas entre os 27 e os 43 anos. Ao nível do emprego, enquadravam-se nos setores secundário e terciário, sendo a percentagem do secundário ligeiramente superior. Havia, no entanto, dois desempregados.

Existiam crianças que ainda não tinham completado os dois anos, apesar de os completarem até ao final de 2013. Ao observar o grupo de crianças, pude verificar que existiam algumas diferenças a nível da autonomia e da linguagem .

Ao nível da autonomia, alguns elementos do grupo já conseguiam identificar as suas próprias necessidades fisiológicas solicitando a ida à casa de banho, enquanto outros ainda usavam fralda. Também às refeições a autonomia das crianças era evidente visto que já conseguiam comer sozinhas e não necessitavam da ajuda de um adulto. Stoppard (2005) refere que é nesta altura que a criança quer ser autónoma nas suas tarefas, como por exemplo vestir e despir. A criança vai, nesta etapa, adquirir a capacidade de comer sozinha, passando pelo primeiro contacto com a utilização da colher.

Relativamente ao desenvolvimento da linguagem, algumas crianças já conseguiam produzir frases; por outro lado existiam outras crianças que ainda não conseguiam articular bem as palavras, o que dificultava a compreensão do seu discurso oral. Existia ainda um grupo minoritário que apenas produzia palavras soltas e apenas com a insistência do adulto.

Segundo Celia (2003), “a linguagem é uma das aquisições mais complexas do ser humano” (p.27). Ainda a autora diz que a fala é considerada um processo de autonomia na criança. Desta forma, o adulto deve deixar que a criança construa frases e palavras, evitando terminar a palavra ou completá-las. O adulto deve limitar-se a ser para a criança um modelo, para estimulá-la (p.35).

As crianças deste grupo eram bem dispostas e afetivas, com vontade de explorar novas descobertas. Participavam nas atividades que lhes eram propostas e conseguiam manter-se concentradas durante pequenos períodos de tempo. Eram crianças muito ativas e relacionavam-se bem com os adultos e com os colegas. Ainda assim, em situação de grande grupo, nem todas as crianças se manifestavam igualmente extrovertidas, em termos de participação. Nestes momentos, a educadora mostrava alguma preocupação tentando que as crianças mais inibidas também respondessem ou mostrassem as suas ideias sobre o tema que estava a ser abordado.

No decorrer do estágio em Creche era dada extrema importância aos vários momentos da rotina. Contudo, estas eram flexíveis, respeitando o tempo de cada criança, transmitindo-lhes assim um sentimento de segurança e reconforto. A rotina desempenhava também um papel fundamental para as crianças na medida em que estas iam tendo a perceção dos momentos do dia, conseguindo um encadeamento da rotina tal como é referido por Evans e Ilfield (1982, citados por Post e Hohmann, 2011) “Uma rotina é mais do que saber a hora a que o bebé come, dorme, toma banho e se vai deitar. É também saber como as coisas são feitas (...) as experiências do dia-a-dia das crianças são as matérias-primas do seu crescimento”(p. 193).

As crianças desta sala revelavam ainda alguns comportamentos egocêntricos, na medida em que não gostavam de partilhar os seus brinquedos, pois nesta fase as crianças ainda se encontram a explorar os espaços da sala, bem como a aprender pequenas regras de convivência.

Brazelton (1995) é de opinião de que, para além dos adultos, as crianças necessitam de conviver com crianças da mesma faixa etária, apesar de não existir grande interação. Se é verdade que brincam paralelamente, tal permite-lhes, contudo,

apreender o comportamento umas das outras, bem como aprender mais sobre si próprias.

Também DeClaire (1999) refere que é perfeitamente normal que a criança se sinta extremamente atraída por interagir/brincar com outras crianças, embora nesta idade a criança ainda não tenha adquirido as competências sociais necessárias para poder brincar com outras de forma tranquila.

Segundo Cunha (2001), o brincar desenvolve as habilidades das crianças de um modo natural, pois a brincar as crianças aprendem a socializar umas com as outras, desenvolvem a sua motricidade, a mente, a criatividade, sem medos ou receios, mas sim com prazer (p. 24).

Confrontando os autores mencionados anteriormente com a prática de estágio, consegui perceber que as crianças sentem algumas dificuldades em partilhar tanto os objetos como o próprio espaço. Essas dificuldades, quanto à partilha dos brinquedos com os outros, não era só com os brinquedos que às vezes traziam de casa, mas também com os brinquedos que pertenciam à sala.

Lembro-me de presenciar uma situação em que a educadora cooperante tinha disponibilizado no tapete umas peças de lego para que as crianças fizessem algumas construções. Uma das crianças estava a utilizar um conjunto de peças e após terminar a sua construção desmanchou e começou a fazer uma outra, deixando umas peças de lado. Uma das outras crianças que se encontrava no tapete utilizou uma dessas peças, provocando na outra um pequeno desentendimento em que a criança empurrou a outra tentando tirar a peça e gritando “é minha”. Como não conseguiu tirar a peça, esta mordeu a outra criança. A educadora cooperante mencionou que esta criança, além de ter dificuldades de partilhar com outras, o que era normal nesta faixa etária, ainda tinha mais dificuldades em socializar com outras crianças visto que estava na instituição há muito pouco tempo e o seu contacto com outras crianças tinha sido muito pouco, pois passava os seus dias com adultos.

2.1.3 Caraterização da sala⁴

A sala onde se realizou este estágio era ampla, arejada, com muita luminosidade natural e acesso ao recreio exterior, comum a toda a instituição. Os materiais estavam acessíveis às crianças, o que facilitava a exploração livre dos mesmos, proporcionando assim às crianças novas aprendizagens através das suas ações, como referem Post & Hohmann (2011):

⁴ Esta informação foi recolhida através de documentos/dialogo fornecidos pela instituição/educadora cooperante.

Mobiliário de linhas simples, ambiente arejado, cores suaves, sons e odores agradáveis, por exemplo, tendem a evocar um sentimento de bem-estar que ajuda bebês e crianças a aprenderem diretamente sobre o mundo através dos seus sentidos e das suas ações (p.106).

A sala encontrava-se estruturada de forma a responder adequadamente ao quotidiano das crianças desta faixa etária. Estava equipada com material didático, tendo em conta a idade do grupo de crianças. As crianças utilizavam todo o espaço da sala livremente, tendo todos os brinquedos ao seu alcance com muita facilidade. Os vários brinquedos existentes na sala encontravam-se nas respetivas áreas existentes, como a da casinha e a das bonecas, dos carros e das ferramentas de mecânica, os livros de histórias, o jogos de encaixe, puzzles e legos. Quanto ao espaço da casinha, esta estava muito bem equipada com utensílios, bonecas, móveis que representavam o forno, a máquina de lavar, o lava loiça, roupas e acessórios. No que diz respeito ao espaço da garagem, estava muito bem equipada com carros de vários tamanhos e duas pistas de carros. Quanto à biblioteca, esta tinha poucos livros e os que existiam já estavam a precisar de ser renovados. Quanto aos puzzles e os legos, esta área estava bastante bem equipada, com muita variedade.

Na zona central da sala existia um espaço amplo, no qual podiam ser realizadas diferentes atividades e onde as crianças podiam desenvolver a brincadeira simbólica nos momentos de brincadeira livre. Para esta existiam alguns brinquedos arrumados em caixas, que eram utilizados consoante as intenções da educadora e/ou a vontade expressa das crianças.

Nas paredes da sala existiam dois *placards* onde eram expostos os trabalhos das crianças, de forma a decorar a sala, para que os encarregados de educação tivessem acesso às atividades que iam sendo desenvolvidas e para que as crianças pudessem contatar e apresentar os seus trabalhos. A planta seguinte mostra a disposição da sala já descrita em cima (Figura n.º 1)

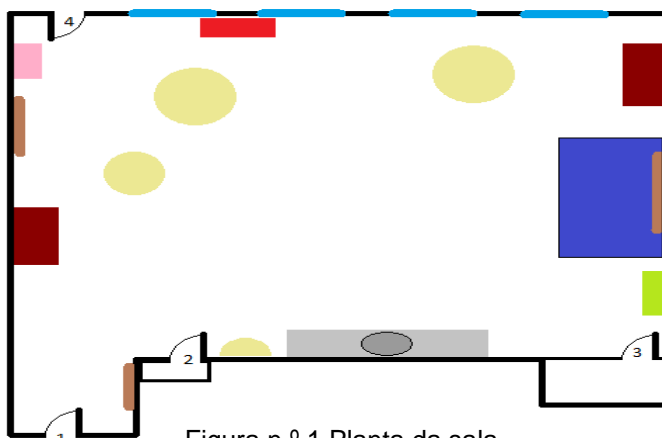















Figura n.º 1 Planta da sala

Tabela n.º 1: Legenda da planta da sala

	Porta da sala
	Porta da arrecadação
	Porta da casa de banho
	Porta para o exterior (recreio)
	Janelas
	Mesas
	Mesa – meia lua
	Tapete
	Placard de exposição de trabalhos
	Armários de Arrumação de materiais
	Armário com lavatório
	Área da Biblioteca
	Área da Casinha
	Área da Garagem

2.1.4 Projeto Educativo⁵

O projeto educativo da Instituição, tinha como título “Educar para a Vida”. A problemática deste projeto era: “Apesar de atualmente o apelo aos valores ser uma constante, verifica-se cada vez com mais frequência problemas sociais e morais, tais como a violência e a falta de respeito pelo outro e pelo meio ambiente. Diferencia-se esta problemática porque se trata de uma realidade fruto da falta de valores. Os valores não se ensinam – Vivem-se! Vivem-se no quotidiano da família, da escola, da rua e da comunidade⁶.”

O Projeto Educativo era comum a todas as unidades, sendo que cada educadora efetuava o ajuste à sua realidade e às suas necessidades. Quanto ao projeto da educadora cooperante, não tinha um tema específico, mas tinha como princípio fundamental uma construção de relações afetivas que permitam à criança uma segurança emocional.

“O projecto do educador é um projecto educativo/pedagógico que diz respeito ao grupo e contempla as opções e intenções

⁵ Esta informação foi recolhida através de documentos/dialogo fornecidos pela instituição/educadora cooperante.

⁶ Esta informação foi recolhida através de documentos fornecidos pela instituição/educadora cooperante- projeto educativo.

educativas do educador e as formas como prevê orientar as oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem de um grupo. Este projecto adapta-se às características de cada grupo, enquadra as iniciativas das crianças, os seus projectos individuais, de pequeno grupo ou de todo o grupo” (Ministério da Educação, 1997: p.44).

A instituição não trabalhava com nenhum modelo curricular específico e, de acordo com uma conversa informal com a educadora cooperante, foi-me dito que a instituição dava a oportunidade a cada educadora para trabalhar o modelo que achasse que se adequava às características das crianças das respetivas salas.

Como cada educadora podia trabalhar com as crianças da forma que considerasse mais pertinente, a minha educadora cooperante procurava em cada modelo um modo de dar resposta aos interesses das crianças. Ou seja, na sala era muito valorizado o trabalho com a família, tal como é defendido pelo Modelo *Reggio Emilia*. Segundo Malaguzzi (1998), citado por Formosinho (2013), este modelo pedagógico visa “dar continuidade às experiências e contribuindo para fortalecer a crença numa educação ativa valorizar a importância de envolver as famílias os professor num projeto comum para a educação de infância.”(p. 116).

Formosinho refere ainda que a pedagogia de *Reggio Emilia* “procura promover as relações, as interações, a comunicação entre três protagonistas do processo educativo – as crianças, os professores, os pais e a comunidade em geral.” (p. 118).

2.1.5 Projeto de Intervenção de Estágio

No decorrer deste estágio em Creche foi-nos proposta a implementação de um projeto de sala. Durante a semana de observação surgiu-nos a problemática para a implementação deste projeto, baseado nas necessidades do grupo, dizendo respeito às emoções. Assim, percebemos que existia a necessidade de contribuirmos para o desenvolvimento da identidade e da socialização das crianças em grupo.

Em crianças tão pequenas, como o grupo para o qual se destinava este projeto, mais importante do que transmitir conhecimento, era importante a sua formação pessoal e social, pois só se viverem bem consigo próprias, viverão bem com os outros. Segundo Lopes da Silva (1997) “O projeto do educador é um projeto educativo/ pedagógico que diz respeito ao grupo e contempla as opções e intenções educativas do educador e as formas como prevê orientar as oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem de um grupo” (p. 44).

Neste projeto pedagógico dei ênfase às relações, tanto com o mundo como entre pares, e ao educar a emoção pela emoção. De acordo com as minhas vivências pude entender que as nossas próprias emoções e aprender a equilibrá-las é, sem dúvida, a maior lição que temos que aprender na vida, pois todas as emoções são válidas e devem ser vividas e aprendidas.

O projeto teve como preocupação educar as emoções através da emoção, isto é, selecionando uma emoção e trabalhá-la com as crianças, recorrendo a histórias, canções ou atividades práticas. Desta forma, intitulámo-lo “Educar para as Emoções”. Este foi pensado de modo a respeitar sempre o projeto de sala e da instituição. Ao longo das semanas de estágio, tivemos como prioridade a planificação das atividades de acordo com o tema do projeto.

A criança é como uma “esponja”, absorve informações e reproduz o que vê ao seu redor. Muitas vezes as pessoas responsáveis pelas crianças não percebem as suas emoções e os seus sentimentos e estas não estão preparadas emocionalmente para verbalizar o que sentem. As emoções nas faixas etárias mais novas (Creche e Jardim de Infância) ainda não se encontram definidas; assim, as crianças não sabem reconhecer o que é medo, felicidade, tristeza. Segundo Depont, et al.(2004):

“as crianças vão sendo capazes de reconhecer o que se sente e o que se faz quando se está com medo, por exemplo. Assim, conseguem melhor identificar estes sentimentos no momento em que elas próprias o sentem e, mais tarde, também quando uma outra criança ou adulto passam pela mesma situação” (p. 9).

Segundo Depont et al. (2004) mostram ainda que “trabalhar com as emoções pode também ser importante no sentido preventivo do desenvolvimento de problemas sócio-emocionais. Aprender a exprimir e a comunicar os sentimentos aos outros diminui a possibilidade de manifestar comportamentos menos adequados, numa situação emocionalmente complicada.”(p. 9)

Incentivar as crianças a falarem sobre os seus sentimentos é algo que deveria ser praticado desde o momento em que elas conseguem compreender conceitos como a alegria, o medo e a tristeza. Sentimentos que podem ser facilmente percebidos pelos adultos que as rodeiam, mas aos quais, por vezes, não é dada a devida importância. Desta forma, achamos que o grupo de crianças com o qual nos encontrávamos a fazer estágio poderia dar o primeiro passo neste campo.

Na construção deste projeto tivemos em conta as características de cada criança, as suas necessidades e capacidades, tendo sempre presente que trabalhar em creche exige de nós, adultos, uma abertura de ideias, escolhas e desafios que só

fazem sentido se trabalhados de forma segura e flexível mediante as rotinas diárias. Os objetivos do projeto que implementamos na sala foram:

- quanto ao desenvolvimento cognitivo: a exploração de caráter lúdico da linguagem, através de canções e histórias; estimular a aquisição de vocabulário; desenvolver a memória e a concentração e reconhece pessoas e objetos;

- quanto ao desenvolvimento sócio afetivo: incentivar a criança a interagir com o que rodeia, incentivar a relação criança/criança e criança/adulto; incutir nas crianças o espírito de solidariedade e colaboração entre elas; dar afetividade, segurança e conforto às crianças e transmitir afetividade, segurança e conforto às crianças,

- no que diz respeito ao desenvolvimento psicomotor: estimular as capacidades motoras, para que possa tirar partido do seu corpo; desenvolver a autonomia da criança.

- no desenvolvimento pessoal e social: desenvolver a socialização e respeito pelo outro; participar nas rotinas diárias e hábitos; aprender a esperar pela sua vez e promover o bem estar, segurança e autonomia na criança.

Na realização das atividades planificadas tentamos ir ao encontro do tema do nosso projeto, assim como dos seus objetivos, não esquecendo que esteve presente em todas as atividades a afetividade, o envolvimento e o bem-estar das crianças. Assim, apresentamos alguns exemplos de atividades implementadas e as respetivas finalidades:

Atividade desenvolvidas	Finalidades
Canções	Memorizar, desenvolver a linguagem, sentido rítmico, gosto pela música e disciplina.
Pintura com dedo, mãos e pés	Exploração de diferentes materiais, cores, formas e texturas, controlo da motricidade e sentido estético.
Lengalengas	Exploração dos sons e ritmos, expressão através da linguagem oral, gestual e corporal
Carimbagem	Motricidade fina, autonomia, exploração de diferentes materiais, cores, formas
Jogos	Compreensão de regras, socialização
Modelagem	Controlo da motricidade, capacidade de exploração
Rasgagem e Colagem	Motricidade fina, autonomia, iniciativa.
Histórias	Descoberta de si e do outro, linguagem verbal e não verbal, imaginação.
Fantoches	Concentração, visualização
Brincadeira livre e orientada	Socialização, autonomia, liberdade de escolha

Tabela n.º 2- Atividades desenvolvidas e finalidades

Nas seguintes ilustrações é possível verificar algumas das atividades que colocamos em prática de modo a atingir os objetivos propostos.



Figuras n.2º Atividades que colocámos em prática: jogo de movimentos, brincar com os afetos, história de fantoches, carimbagem e brincadeira livre.

Posso afirmar que ao longo do estágio tive presente a preocupação de planificar momentos/atividades em grande grupo, em pequeno grupo, bem como ao nível individual.

2.1.6 Avaliação do Projeto

Ao longo das semanas de estágio tivemos como prioridade a planificação das atividades de acordo com o tema do projeto “Educar para as Emoções”. Como forma de avaliar o projeto foram utilizados registos fotográficos, com autorização prévia dos pais, que permitiram ilustrar algumas das tarefas desenvolvidas ao longo do estágio.

Contudo não foi apenas esta a metodologia de avaliação, sendo que utilizamos outras, como as grelhas de observação, utilização de livros de histórias e de imagens, de fantoches que abordassem as emoções para que as crianças identificassem e se expressassem de acordo com as histórias (atividade no tapete e em grande grupo) e

todas atividades seguintes partiram dessas histórias e do Mural das Emoções (atividade individual). Neste sentido são apresentados de seguida alguns exemplos das atividades desenvolvidas. As figuras n.º 3 reportam para o tema das emoções.



Figura n.º 3 - Exemplos de métodos de avaliação utilizados pelas estagiárias em contexto de estágio

2.2 Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância

2.2.1 Caracterização da Instituição⁷

O segundo estágio de Prática de Ensino Supervisionada foi realizado num Jardim de Infância. Nesta unidade, existiam duas valências: a Creche e o Jardim de Infância. Aceitavam crianças desde os 4 meses aos 6 anos, idade em que ingressavam no ensino básico.

O corpo docente da Creche incluía 5 educadoras (2 na sala de um ano, 1 na sala familiar e outras 2 na sala dos 2 anos) e 6 educadoras que se encontravam na valência de Jardim de Infância. Por sua vez, o pessoal não docente era composto por 17 auxiliares de ação educativa, 1 cozinheira, 2 ajudantes de cozinha e 4 auxiliares do serviço de limpeza (assistentes operacionais). A Creche e o Jardim de Infância tinham ainda uma Coordenadora que orientava a gestão de atividades, e o pessoal docente e não docente de ambas as valências.

Era constituída por 7 salas de Creche (2 salas de berçário, 2 salas de 1 ano, 2 salas de 2 anos e uma sala heterogénea (1 e 2 anos).A valência do Jardim de Infância tinha 6 salas (2 salas de 3 anos, 2 salas de 4 anos e 2 salas de 5 anos). Esta unidade possuía ainda 3 espaços exteriores (pátios) parcialmente cobertos, uma cozinha que confeccionava diariamente as refeições, um refeitório e 3 copas para a valência da Creche, incluía também um ginásio nas traseiras do edifício.

⁷ Esta informação foi recolhida através de documentos/diálogo fornecidos pela instituição/educadora cooperante.

O horário de funcionamento da instituição era das 7h30m às 19h00m. O descanso intermédio do pessoal docente e não docente era realizado das 13h às 14h ou das 14h às 15h.

2.2.2 Caracterização do grupo de crianças⁸

A sala de 4 anos, onde decorreu o meu estágio, tinha um grupo de 24 crianças, com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, sendo 11 do sexo feminino e 13 do sexo masculino. Deste grupo não fazia parte nenhuma criança com necessidades educativas especiais.

Neste grupo de crianças, 13 participavam nas atividades extracurriculares. No que diz respeito à presença deste grupo, era um grupo bastante assíduo, em média permaneciam no Jardim de Infância cerca de 9 a 10 horas, podendo sofrer alterações no decorrer do ano letivo.

De acordo com os dados facultados pela educadora cooperante, as crianças eram, na sua maioria, residentes na cidade de Santarém e uma na cidade do Cartaxo. Este grupo de crianças era oriundo maioritariamente de um meio socioeconómico médio. As idades dos pais estavam compreendidas entre os 21 e os 40 anos. Ao nível do emprego enquadravam-se no setor, secundário e terciário, sendo a percentagem do secundário ligeiramente superior. Havia no entanto 7 desempregados.

Este grupo de crianças era muito cooperante, participativo e interessado em adquirir novas aprendizagens. A escolha da amizade, assim como a do melhor amigo, era cada vez mais acentuada e verificava-se a escolha de colegas do mesmo sexo. A maior parte das crianças já reconhecia e respeitava as regras estabelecidas da sala. No entanto, existiam crianças que reconheciam tais regras mas ainda sentiam dificuldade em cumprir e respeitar algumas destas. Quanto a estas dificuldades em cumprir as regras, as crianças sabiam que não podiam levar os brinquedos de casa para dentro da sala, não podiam sair da sala para ir às mochilas durante o dia, a não ser em casos esporádicos. Eram completamente autónomos na sua higiene pessoal e às refeições já manifestam um certo zelo na postura a seguir.

Era um grupo de crianças desinibido, alegre, que tinham algumas dificuldades em se concentrar nas atividades realizadas em grande grupo, dispersavam-se com muita facilidade e muitas das vezes não respeitavam os colegas em momentos de conversa no tapete, pois falavam e depois não ouviam. Posso referir que era um grupo bastante difícil de gerir em termos de comportamento e em atividades em grande

⁸ Esta informação foi recolhida através de documentos/dialogo fornecidos pela instituição/educadora cooperante.

grupo, nomeadamente em atividades de expressão motora, mas que por outro lado em atividades em pequeno grupo tornavam-se motivados e interessados em aprender.

Refiro ainda que este grupo de crianças gostava muito de ouvir histórias, brincar no exterior, realizar atividades de expressão plástica, psicomotricidade, entre outras.

2.2.3 Caracterização da sala

A sala de Jardim de Infância onde estagiei era o espaço educativo onde o grupo de crianças passava a maior parte do dia, como tal estava dividida em diversos espaços que proporcionava a cada criança diferentes e desafiantes atividades.

Todo o espaço da sala estava organizado de modo a que as crianças conseguissem facilmente interagir umas com as outras, assim como realizar uma exploração livre de materiais e das áreas/cantos, de modo a proporcionarem o seu desenvolvimento e aprendizagens.

Segundo as OCEPE (1997), p.38) “o conhecimento do espaço e dos materiais são condição de autonomia da criança e do grupo”. De acordo com a estrutura física da sala é facilmente identificável o espaço destinado ao trabalho em grande e pequeno grupo ou, por vezes, usado para trabalho individual. Toda a sala estava dividida por áreas, atendendo às necessidades apresentadas pelas crianças. A sala encontrava-se dividida em várias áreas: a área do tapete, a área das construções, a área da casinha, a área da garagem, a área dos jogos, a área da biblioteca, a área da pintura e a área das construções. Todos os materiais presentes na sala encontravam-se organizados e arrumados consoante as respetivas áreas, e ao alcance de todas as crianças, de forma a conduzi-las para uma maior autonomia.

A sala era o espaço onde o grupo de crianças passava a maior parte do dia e, como tal, estava dividida em diversos espaços que proporcionavam a cada criança diferentes e desafiantes atividades. Todo o espaço da sala estava organizado de forma coerente que proporciona às crianças motivação, interesse, conforto, bem estar e confiança. O espaço era seguro e convidativo. A sala tinha pouca luz natural, embora tivesse várias janelas, o que a tornava bastante arejada. A planta seguinte mostra a disposição da sala já descrita em cima (Figura n.º4)

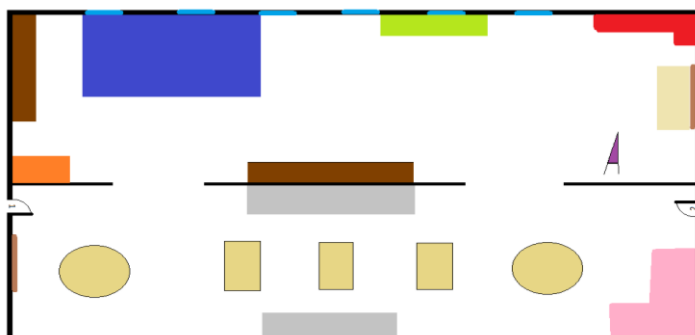


Figura n.º4 - Planta da sala.

Tabela n.º 3 – Legenda da planta da sala:

	Janelas
	Porta da sala
	Porta para o exterior (recreio)
	Mesas retangulares
	Mesas redondas
	Área do Computador
	Área da Garagem
	Área da Pintura – Cavalete
	Área da Biblioteca
	Área da Casinha
	Estantes
	Armários de arrumação de materiais
	Tapete
	Placard

2.2.4. Projeto Educativo⁹

Quanto ao Projeto Educativo desta unidade, este tinha o mesmo tema do contexto de Creche, “Educar para a vida”, pois esta unidade pertencia à mesma instituição. Quanto ao projeto da educadora cooperante, esta também não tinha um tema específico, mas pretendia desenvolver, na vida escolar, oportunidades para as crianças exercerem a sua capacidade de iniciativa através das atividades que eram geridas e desenvolvidas pelas mesmas. Além disso, pretendia desenvolver hábitos de solidariedade através de tarefas de grupo e de atividades entre faixas etárias diversificadas.

O trabalho pedagógico (atividades) que era feito com as crianças devia ser gerido em função dos interesses do grupo e alimentado com situações experienciais diversificadas, por isso era feito todo um trabalho no sentido de socialização com os outros grupos de crianças, adultos da comunidade educativa, principalmente com as famílias, através de situações lúdico-pedagógicas a vivenciar fora da comunidade.

⁹ Esta informação foi recolhida através de documentos/dialogo fornecidos pela instituição/educadora cooperante.

Segundo o testemunho da educadora cooperante, o projeto de sala definia alguns temas, que a educadora pretendia trabalhar com as crianças ao longo do ano letivo, e que se proporcionaram para o tempo que nos encontrámos em período de estágio. Esses temas foram: a constituição da árvore, as diferenças que existiam entre os seres humanos, os animais aquáticos, as figuras geométricas, os meios de transportes.

2.2.5 Projeto de Intervenção de Estágio

O tema escolhido pelo par pedagógico foi “ À Descoberta do Meio e de Si”. A escolha deste tema teve em consideração os conteúdos que a educadora cooperante pretendia desenvolver durante aquele ano letivo, sendo que sentimos necessidade de criar um projeto que abrangesse todos eles. Assim, trabalhamos com o grupo:

Atividades desenvolvidas	Finalidades
Histórias através de livros, cartões de imagens e fantoches	Área da Linguagem e Abordagem à Escrita.
As Diferenças do Ser Humano	Área do Conhecimento do Mundo
Os Animais Aquáticos	Área do Conhecimento do Mundo
Figuras Geométricas	Área da Matemática
Meios de Transportes	Área do Conhecimento do Mundo
A Constituição da Árvore	Área do Conhecimento do Mundo

Tabela n.º 4 – Atividades desenvolvidas e finalidades

Contundo, os temas que foram abordados não abrangeram só estas áreas de conteúdo, tendo havido transversalidade com as restantes áreas de conteúdo. Como por exemplo: na temática das figuras geométricas existiu transversalidade entre o domínio da matemática e o domínio da expressão motora, através da construção das figuras (triângulo e retângulo) com paus de espetada para representar as arestas e plasticina para unir os vértices. Após a conclusão dessa atividade foi proposto ao grupo de crianças que se dividissem em pequenos grupos para que com os seus corpos construíssem as mesmas figuras geométricas. Para essa construção iria existir uma criança em cada grupo que iria dar as instruções e cooperar com ajuda para a construção da figura geométrica proposta. Ainda com esta atividade existiu a transversalidade com a área da formação pessoal e social através da promoção do relacionamento das crianças com elas próprias e com os outros.

Os objetivos do projeto que foram implementados na sala passaram por colaborar em atividades de pequenos e grande grupo, cooperando no desenrolar da atividade e/ou na elaboração do produto final; demonstrar confiança em experimentar

atividades novas e propor ideias e falar num grupo que lhes é familiar isto quanto á área de formação pessoal e social. No que diz respeito à área da matemática, formar conjuntos, reconhecer a propriedades; reconhecer figuras geométricas, mostrar interesse e ter alguma noção do tempo e conseguir fazer correspondência, associações e seriações de objeto. Quanto à área de expressão e comunicação, desenhar de forma perceptível vários objetos, utilizar cores de forma correta; pintar respeitando os limites do desenho; explorar as potencialidades dos diferentes materiais, utilizando-os corretamente; participar jogos cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos; transpor e contornar obstáculos. No que diz respeito à área da linguagem e abordagem à escrita, possuir vocabulário adequado à idade; expressar sentimentos, desejos e ideias utilizando corretamente a linguagem oral; descrever corretamente acontecimentos, feitos e situações; diferenciar números de letras; realizar corretamente traçados propostos. Quanto à área do conhecimento do mundo, pretendeu-se que a criança fosse capaz de manifestar, perante o meio ambiente, atitudes de respeito, conservação e cuidado; manifestar curiosidade e desejo de aprender e mostrar interesse em conhecer e experimentar coisas novas.

Desta forma, implementámos uma temática por semana e focámo-nos em desenvolver os temas através de histórias e das próprias rotinas. Visto a transversalidade ser uma das características principais da Educação Pré-Escolar, também foram trabalhadas, ao longo de todo o ano, as áreas de conteúdo da Comunicação Oral e a Abordagem à Escrita, a Matemática e a Expressão Musical, Plástica e Motora. Como será possível verificar nas ilustrações e descrição das mesmas que se encontram em anexo(A, B,C).

De acordo com o nosso projeto, tentámos proporcionar ao grupo de crianças algumas aprendizagens que se relacionassem com o título do mesmo, ou seja, “À Descoberta do Meio e de Si”. Para tal, existiu uma semana em que propus atividades direcionadas para as diferenças que existiam no ser humano, como por exemplo as alturas, o peso, a cor do cabelo e dos olhos, e o género. Para estas atividades tentei sempre utilizar exemplos reais, pois só assim permitia às crianças contactarem com situações e objetos reais que estivessem presentes no seu dia a dia. Segundo o ME (1997, p.79), “os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia”. É importante que as crianças tenham contacto com situações de descoberta e exploração do meio de modo a fomentar a sua curiosidade. Deste modo, o nosso tema centra-se nas várias áreas, recorrendo ao dia a dia, onde a criança vai aprender por si no meio envolvente.

2.2.6 Avaliação do Projeto

Ao longo das semanas de estágio tivemos como prioridade a planificação das atividades de acordo com o tema do projeto “À Descoberta do Meio e de Si”. Como forma de avaliar o projeto foram utilizados registos fotográficos que permitiram ilustrar algumas das tarefas desenvolvidas ao longo do estágio.

Contudo, não foi apenas esta a metodologia de avaliação, sendo que utilizamos grelhas de observação e algumas fichas de trabalho, propostas pela educadora cooperante visto que este era o seu método de trabalho, como ilustram as figuras.



Figuras n.º 5 Fichas de trabalho para consolidação de conhecimentos.

Ainda como forma de avaliação utilizamos a separação de imagens de acordo com as temáticas a trabalhar no que diz respeito aos animais aquáticos e às figuras geométricas, como ilustram as figuras seguintes:



Figuras n.º 6 Listagem de temáticas abordadas

Para todas as atividades propostas tivemos o cuidado de utilizar materiais didáticos, de desgaste e objetos reais existentes na sala, que rodeiam as crianças no seu dia a dia. Zabalza (1998, citado por Silva, 2009) defende que, hoje em dia, educar

é muito mais que o simples processo de transmissão de conhecimentos, é, antes de mais, uma ação racional e contextualizada no meio social e cultural onde a criança se insere. A utilização de recursos do meio envolvente assim como o contacto com experiências nesse meio e na comunidade, vão permitir que a criança desenvolva experiências sobre si mesma e sobre o mundo que a rodeia.

Com todos os trabalhos efetuados a partir das histórias, realizamos uma exposição no Jardim de Infância para toda a comunidade escolar, como reportam as figuras seguintes.



Figuras n.º 7 Exposição dos trabalhos realizados pelas crianças.

3. Percurso de Desenvolvimento Profissional

Neste ponto pretendo recordar os momentos de aprendizagem, de reflexão, de descoberta, de frustração, de construção da minha prática desenvolvida ao longo deste percurso de formação.

Quanto aos contextos de Creche e Jardim de Infância, a minha integração nas instituições foi feita de forma positiva, pois tive uma boa relação com as educadoras cooperantes e com as auxiliares das salas, mas também com o restante pessoal docente e não docente.

As relações com as educadoras cooperantes e com as auxiliares das salas foram de respeito e cooperação, uma vez que apoiei as atividades e as rotinas realizadas pelas mesmas e estas apoiaram as atividades e as rotinas que vim a realizar ao longo do estágio, juntamente com o meu par. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), cabe ao educador partilhar com outros adultos que também têm responsabilidades na educação da criança, todos os conhecimentos adquiridos e formados sobre cada criança. É de salientar que as conversas com as educadoras cooperantes e com as auxiliares foram

uma grande ajuda para poder decidir da maneira mais adequada os temas que tinha que abordar nas minhas planificações.

Durante os estágios senti algumas dificuldades, tanto no contexto de Creche como no contexto de Jardim de Infância. Essas dificuldades passaram pela minha autoavaliação, pela elaboração de projetos, pela construção dos diários de bordo e pela relação com uma criança específica .

Autoavaliar-me nunca foi uma tarefa fácil para mim, pois de certo modo sou muito crítica e insegura quanto ao meu trabalho. Penso sempre que as minhas propostas de trabalho vão falhar e, após colocá-las em prática, penso que poderia ter feito de outra forma. Posso afirmar que houve uma melhoria significativa relativamente ao autoavaliar-me, pois ambas as educadoras cooperantes no fim de cada dia faziam-nos autoavaliar-nos oralmente, permitindo assim refletirmos no momento.

Outra dificuldade sentida, tanto em contexto de Creche como de Jardim de Infância, prendeu-se com a elaboração de um projeto que tinha de estar em conformidade com o projeto da instituição e com o da educadora cooperante. A minha dificuldade deveu-se à articulação entre o tema de projeto da sala, com o da instituição e ainda o que tinha de elaborar. Contudo, com o auxílio das educadoras cooperantes, dos professores e das leituras que realizámos acerca da construção de projetos, compreendemos o procedimento a seguir e partimos para a elaboração do nosso projeto.

A construção dos diários de bordo foi outra dificuldade sentida, porque ao mesmo tempo que estava a interagir com as crianças achava que existiam tantas situações que teria de descrever, mas que não era possível naquele momento. É através dos diários de bordo que se reflete, de uma forma detalhada, acontecimentos e experiências, onde se captam as disposições de espírito e os pensamentos mais íntimos. Também fornecem um registo do quotidiano, que tem como intuito observar, analisar e avaliar, a longo prazo, as mudanças efetuadas, de um particular momento.

Segundo Bogdan e Biklen, (1994) os diários que registam, com mais detalhe, as primeiras experiências de ensino, são bastante importantes para os investigadores educacionais, de maneira que a visão e a capacidade de reflexão que têm para desenvolver um determinado assunto é muito maior, do que uma pessoa que não elabore os diários. Os mesmos autores referem ainda que essas notas são o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo. Assim sendo, concordo com os autores, pois os diários de bordo foram bastante úteis para mim, de forma a conseguir obter um trabalho mais organizado e facilitador quanto aos meus momentos de

reflexão. Estes diários serviram também para, quando acontecia algo que para mim não fazia sentido, questionar-me e anotar essa questão que surgia, para poder pesquisar o que alguns autores defendiam e responder assim às minhas questões.

Outra dificuldade que senti aconteceu no contexto de Creche com uma criança com personalidade difícil, ou seja, que não respeitava os adultos da sala (educadora, auxiliares e estagiárias) fazia muitas birras e tinha comportamentos agressivos, quando contrariada. A minha relação com essa criança estava a ser difícil porque eu não sabia como agir quando esta manifestava as birras e algumas atitudes mais agressivas. Fui experimentando varias formas de interação, para melhorar esta situação, mas todas elas foram em vão. As estratégias criadas foram: o demonstrar do carinho à criança; dar-lhe outros materiais para que estivesse distraída e nos permitisse a realização das atividades com o restante grupo e dar-lhe a chucha para que houvesse o controlo das birras e dos comportamentos agressivos. Perante isto senti-me frustrada, pois não consegui encontrar a melhor solução para colmatar esta situação.

Penso que uma das minhas dificuldades foi superada no estágio de Jardim de Infância. Tentei perder o medo de arriscar ao planificar uma atividade e um dos exemplos desta situação foi a utilização do espaço exterior da instituição. Ao refletir sobre o uso do exterior, penso que só o via como um espaço para a brincadeira ao ar livre, pois desta forma as crianças “libertavam” a energia acumulada. Mas só depois de colocar uma atividade em prática no exterior é que percebi que poderia tirar grande partido do espaço para que as crianças correspondessem ao que se pretendia com a atividade e que não fosse um mero espaço de brincadeira. A atividade passava por jogos tradicionais como “o pescador” e “o lenço vai na mão”, apesar de este o ter apelidado “o peixinho vai na mão”. Estes jogos estavam inseridos na temática dos animais aquáticos. Além disso, tinha como objetivo trabalhar as regras e o trabalho de equipa. Com esta atividade existiu transversalidade com a área da formação pessoal e social através do relacionamento das crianças com elas próprias e com os outros. Após colocar em prática a as crianças aceitaram com muita rapidez todas as indicações. As crianças sentiram-se confortáveis, alegres, empenhadas e interessadas. Penso que todos estes sentimentos, por parte das crianças, seria por estarem mais libertas, podiam fazer mais barulho, podiam usufruir de todo o espaço durante a atividade que estava a ser proposta e tinham saído do habitual espaço da sala.

Post & Hohmann (2011), referem que:

O tempo de exterior permite às crianças expressarem-se e exercitarem-se de formas que habitualmente não lhes são acessíveis nas brincadeiras de interior (...) as crianças respiram ar fresco, absorvem vitaminas do sol, exercitam o coração, pulmões e músculos, e veem horizontes mais abertos. As que são sossegadas e envergonhadas no interior ficam frequentemente mais conversadoras e aventureiras quando no exterior. Algumas crianças brincam no exterior com outras com quem habitualmente não brincam no interior. E as crianças que gostam de fazer barulho sentem-se mais libertas ao ar livre (p.433).

Durante o meu percurso nos dois estágios, onde me sentia verdadeiramente confiante e segura era no momento da leitura de histórias. As histórias, quando bem contadas, são o meio que capta maioritariamente a atenção das crianças. Desta forma, tentei ao máximo potenciar cada história que contava de forma a promover nas crianças algum interesse pelo tema que íamos abordar. Por este facto, tentei utilizar histórias relacionadas com o tema que se iria abordar. No contexto do Jardim de Infância, penso que respeitei sempre as intervenções das crianças quando elas questionavam alguma situação das histórias e por vezes até parava a história para promover o diálogo. Este momento só era possível porque tínhamos uma estratégia que era o “fecho da boca fechado e orelhas prontas a escutar”. Quando percebia que o grupo estava a dispersar, pedia às crianças para voltar a fechar o fecho para continuar a leitura da história.

Ao analisar e refletir sobre a prática supervisionada realizada ao longo dos dois semestres do mestrado percebi que foram muitas as questões levantadas e procuradas, e também solucionadas. O aparecimento das primeiras questões no início do estágio em contexto de Creche estava relacionado com dois temas: o primeiro sobre alimentação e o segundo sobre as atividades que deveria propor de acordo com as faixas etárias.

Relativamente à minha primeira questão, esta reporta para a alimentação. Enquanto estagiária, pude observar que durante as refeições, existia pouca preocupação por parte da educadora e da auxiliar em perceber se as crianças comiam bem, se comiam ou não comiam tudo. Durante estes dias de estágio deparei-me com alguns casos em que as crianças que não queriam comer, empurravam o prato para o lado ou não tocavam na comida. As minhas dúvidas eram: Será que o educador deve insistir com as crianças para comerem? Será que devemos respeitar a vontade das crianças?

Após algumas leituras pude perceber que o educador é o exemplo da criança no momento da refeição, com os bons hábitos alimentares, tem de respeitar o ritmo da

criança, e o recusar da introdução de novos alimentos sem mostrar preocupação, pois futuramente poderá existir uma nova oportunidade para apresentar o mesmo alimento, e deve respeitar o apetite da criança. Faria et al. (s.d) mostram que “o comportamento alimentar tem por base uma forte relação entre a criança e o adulto que a alimenta. Esta relação deteriora-se quando é gerida de forma desequilibrada (recompensa, chantagem, obrigação, etc.) e pode fomentar o aparecimento de problemas alimentares na criança” (p.22).

O educador deve ter a percepção de que se a criança não quer comer pode ser por vários motivos: ou porque se encontra sem fome, ou porque os alimentos que lhe são apresentados não são habituais no seu dia a dia ou até mesmo porque não gosta. Agacés (2000) mostra que se não existir uma variedade de alimentos, o equilíbrio alimentar será dificilmente atingido. É importante que durante a infância exista um espírito aberto dos pais e educadores e ao mesmo tempo das crianças para aceitarem novos alimentos. Quanto mais variados forem os alimentos que se dão às crianças, mais possibilidade estas têm de possuírem uma alimentação equilibrada. Desta forma, devemos respeitar a vontade da criança, apesar de ter consciência que estes problemas a nível da alimentação são uma questão que deve ser trabalhada tanto em contexto escolar como em contexto familiar. Elliot (1986) mostra que a alimentação da criança deve facilitar o crescimento e um desenvolvimento harmonioso do organismo. Para tal, a quantidade energética deve ser respeitada e adaptada de acordo com as crianças. Todas as quantidades dos diferentes nutrientes, vitaminas e minerais devem ser as indicadas e adequadas em função da idade da criança. Para conseguir combater as diferentes necessidades nutricionais, deve-se propor às crianças uma alimentação variada e equilibrada. É importante não esquecer que alimentação é um elemento fundamental no desenvolvimento da criança.

Relativamente a minha segunda questão, quanto ao tipo de atividades a propor às crianças, tinha sempre receio que as atividades não se adaptassem à faixa etária ou que os materiais a usar não pudessem ser os mais seguros e corretos para a realização das possíveis atividades a propor. Outras vezes não conseguia perceber se aquele material que ia fornecer serviria para perceber se as crianças conseguiam compreender o que era pretendido e até mesmo continuarem a atividade porque perceberam e gostaram da mesma ou se não perceberam e perderam o interesse nesta.

Desta forma, tentei sempre não forçar as crianças em a realizar as atividades, quando estas não estavam dispostas a fazê-las, respeitando as suas decisões, mas procurando de forma simples e muito calma mostrar que as atividades podiam ser

divertidas. Segundo Figueiredo (2007) o educador deve por em prática algumas práticas educativas, como seguir a vontade da criança; observá-la e ouvi-la; comentar e reconhecer os seus atos; olhar para as ações das crianças com o seu ponto de vista; deixá-las escolher quando têm alguma tarefa para fazer e, respeitar as suas preferências e os temperamentos. É essencial para que o educador saiba que o temperamento da criança varia entre o nível de atividades; o ritmo biológico; a aproximação ou a retirada; a adaptabilidade; a intensidade da reação; o limiar da sensibilidade; a resistência à distração e à persistência, afeta o modo como esta interage com outras pessoas e com os materiais (p. 57 e 58). Perante estas situações, a solução que encontrei passava, a maioria das vezes, pela permissão da livre exploração dos materiais apresentados, o que deixava as crianças muito dispostas e motivadas para explorar mais.

Tanto na Creche como no Jardim de Infância existiram momentos mais agressivos por parte das crianças. Contudo foi no contexto de Jardim de Infância que surgiu a minha questão, pois pude observar duas situações que me deixaram bastante preocupada. Ambas as “agressões” se deram no refeitório: uma das crianças espetou um garfo no braço da outra e uma outra espetou uma faca na mão. Não consegui perceber o porquê daqueles impulsos comportamentais. Já na sala existiam muitas vezes desentendimentos entre as crianças, em que estas partiam logo para a agressão, movimento de punho fechado, pontapés, mordidas com intenção de ferir, arremesso de objetos, entre outros. Serão estes comportamentos aceitáveis nesta faixa etária? Desta forma perante estes comportamentos não sabia que postura deveria ter e como deveria intervir, o que me levou a utilizar esta questão para a minha pesquisa.

Ao longo dos dois estágios considero importante mencionar o trabalho desenvolvido com a colega de estágio. O trabalho cooperativo é uma ajuda fundamental para o crescimento profissional e para a reflexão sobre a prática educativa. O apoio mútuo, tanto na construção das planificações, como na construção de materiais didáticos para a dinamização das atividades, foi sem dúvida uma mais valia que deve ser referida. As conversas que tinha com o par de estágio, sempre no final de cada dia, sobre as intervenções com as crianças e as atividades propostas, permitiram-me, assim, melhorar a minha capacidade reflexiva e evoluir profissionalmente, pois existiam sempre aspetos a melhorar ou a adaptar que por vezes nem dava conta mas que eram essenciais de refletir.

Parte II – Questão de Pesquisa

1. Contextualização

O estudo que decidi realizar, centra-se na agressividade das crianças a frequentar o Jardim de Infância. Pretendo assim compreender o porquê das crianças manifestarem esses comportamentos, como devo intervir ou até mesmo prevenir tais acontecimentos num futuro próximo.

De acordo com Lisboa (2005), a agressão é definida como “(...) todo o comportamento que visa causar danos ou prejudicar alguém” e que emerge da interação social”.(p.13) Em simultâneo vários autores perspetivam a agressão como uma forma de violência em que existe uma interação, que leva a atitudes e ações que tendem a afetar a integridade física, moral e cultural dos outros. (Fischer, 1994; Buss, 1995; Krahé, 2001; citados por Ribeiro, 2007).

2. Problemática e questões de pesquisa

A questão de pesquisa surgiu sobretudo no último contexto de estágio, Jardim de Infância. Esta questão surgiu porque durante o meu período de estágio ocorreram várias situações de comportamentos com alguma agressividade por parte das crianças. Algumas destas situações deixaram-me preocupada porque não sabia como intervir junto das crianças quando estas têm certas atitudes perante outras crianças ou perante os adultos. Consequentemente fiquei sem reação visto que não sabia o que fazer.

As questões subjacentes à compreensão desta problemática e às quais pretendo dar resposta são: o que se pode considerar como comportamento agressivo nas crianças em idade pré-escolar? Que fatores podem influenciar a manifestação de comportamentos agressivos nas crianças em idade pré-escolar? Como reagir perante um comportamento agressivo de uma criança em idade pré-escolar? e Quais estratégias a utilizar com crianças que manifestem comportamentos agressivos?

3. Fundamentação Teórica

3.1 Agressividade no Jardim de Infância

3.1.1 Definição de Agressividade

Tanto em ambiente educativo, como em qualquer outro contexto, podem-se observar várias formas de comportamento que refletem a vida das crianças, mas que podem ser considerados comportamentos pouco razoáveis que afeta a convivência em sociedade.

As manifestações de agressividade são inerentes, fazem parte, da constituição, personalidade da criança, ou seja, do ser humano. Como define a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1992) e da *American Psychiatric Association* (APA, 1994) a agressividade inserem a nas perturbações de personalidade do ser humano (Ramírez, 2001). A OMS define, o comportamento agressivo como uma manifestação de perturbações dissociais, tanto nas crianças como nos adulto, realçando, que para Ramírez (2001)“(...) na infância, se trata de perturbações do comportamento que supõem desvios mais graves do que a simples «maldade» infantil ou a rebeldia do adolescente, ao passo que, nos adultos, são distúrbios específicos da personalidade” (p. 6).

A agressividade nas crianças em idade pré-escolar, está inserida nas manifestações, desejos que as crianças sentem relativamente a um espaço, brinquedo ou até na forma como encontram para chamar atenção de um adulto. Isto acontece porque a criança ainda não tem consciência das regras sociais que são impostas pelo ambiente em que estão inseridas. Segundo a APA (1994), a agressividade na infância e na adolescência consiste num padrão de comportamentos frequentes, persistentes e intensos, que violam os direitos dos outros e as normas sociais, constituindo um comportamento antissocial, não adaptativo.

Quanto à manifestação de comportamentos de agressivos em idade infantil, esta é vista por alguns autores, como alterações que surgem em contexto familiar, como: mudanças, separações, doenças, que promovem nas crianças sentimentos de insegurança, frustração com o contexto familiar. A criança para demonstrar toda essa insegurança manifesta-se de forma a chamar a atenção para a sua instabilidade. Para isso é essencial que os adultos sejam pacientes com as atitudes das crianças, conversando com elas, fazendo-as sentir seguras e confortáveis. Como salienta Mielnik (1977), a “agressividade infantil é situação que surge no ambiente familiar e exige dos pais um condicionamento especial, utilização de toda paciência e boa vontade e compreensão mais profunda da criança” (p.148).

Para os autores Costa e Vale (1998) o conceito de agressividade é visto com ações básicas, mas por vezes complicado. Como referem os autores “este conceito surge como simples e complexo” (p. 14).As definições encontradas para agressividade são várias, onde não existe um consenso por parte do autores, ou seja alguns autores baseiam-se unicamente nas manifestações, outros nas consequências dos comportamentos e outros fatores.

3.1.2 Tipos de Agressividade

Alguns autores, dizem-nos que existem vários tipos de agressividades, classificando as manifestações de agressividade como será apresentado de seguida. As agressões podem ser causadas por: agressão física, em que esta surge quando existe um ataque físico e agressão verbal, quando o ser humano recorre as palavras ou expressões verbais (.Schaffer 1996, Costa & Vale 1998). Mas para Costa e Vale (1998), estes acrescentam mais um tipo de agressão que classificam como agressão social, em que existe por parte do ser humano uma exclusão de outro perante um grupo.

Ainda outros autores apresentam-nos outras duas diferentes formas de agressão: agressão impulsiva, em que o ser humano responde com atitudes agressivas no momento, ou seja, surge uma situação impulsionada e a agressão instrumental, em que o ser humano manifesta atitudes agressivas refletidas e planeadas para obter fins específicos (Berkowitz citado em Gerring & Zimbardo, 2005). No entanto Bee e Corsini (citado por Soares et al, 2004) também caracteriza a agressão instrumental de forma a visar o ser humano a obter uma recompensa e não o sofrimento do outro. Além deste tipo de agressão estes autores também classificam outro tipo de agressão, que intitulam como agressão hostil, cuja intenção é ferir ou atacar alguém. Igualmente Feshbach (citado por Ramirez, 2001), refere estes dois tipos de agressividade, a agressividade hostil é vista como uma agressão emocional e impulsiva que pretende causar danos nos outros independentemente de qualquer vantagem que possa obter e a agressão instrumental que tem por fim conseguir algo mesmo que possa causar danos no outro de forma delineada.

Outro autor, aponta outras duas diferentes formas de agressividade: a agressividade normal e a agressividade anormal. A primeira é considerada natural na criança e vista como uma atitude adaptativa que se transforma durante o desenvolvimento, variando na forma, objetivo e finalidade. Os impulsos agressivos manifestar-se-iam desde o nascimento e durante o processo de socialização, havendo tendência para reprimir essa agressividade como forma de adaptação às normas, meio familiar e social. A agressividade anormal, está relacionada com as crianças cuja agressividade é excessiva, motivada por uma má formação de personalidade humana nos primeiros anos de vida. Estas crianças desenvolveriam atividades inadequadas relativamente a si ou aos outros, revelando uma inadaptação às normas sociais que traduziria na sua rejeição por parte dos outros (Mielnik 1977).

Assim desta forma, as manifestações de comportamentos agressivos são vistos como: um comportamento adaptativo, ou seja, apresenta-se nas crianças como

formas de aprendizagem e de adaptação ao ambiente que as rodeia durante um período de tempo. É um comportamento intencional, em que a criança procura provocar danos físicos e psicológicos perante outras crianças, que vai prolongar-se durante um período de tempo, pois passa a ser manifestações habituais para resolução de problemas que a criança possa ter.

3.1.3 Manifestações de Agressividade

A agressividade em idade infantil pode manifestar-se em diferentes fases do desenvolvimento da criança e nos vários contextos: na sociedade, em casa, no seio familiar e no ambiente educativo. De acordo com Santos (citado por Maia (2007)), a agressividade nas crianças depende do contexto em que a criança está inserida, ou seja se a criança viver um ambiente facilitador onde não vivencie situações problemáticas, nem de agressividade, esta não tem tendências em manifestar comportamentos agressivos pois o seu desenvolvimento ocorrerá de maneira saudável. Em contrapartida uma criança que viva num ambiente contrário ao anterior têm tendência e necessidade de demonstrar mais comportamentos agressivos. Santos (citado por Maia (2007)), refere que:

“Se a criança tiver um ambiente facilitador (...) poderá exercer sua agressividade, vivenciá-la e sobreviver a ela, integrando-se como um ser total. Se o ambiente não tiver sido propício nem facilitador, (...) esta criança continuará a procurar bolos até encontrar um que resista a seus ataques e ela possa comê-lo e internalizá-lo como sendo seu”(pág.6).

Em 2004, Rost afirma que a agressividade faz parte da vida das crianças. Estas batem, choram, fazem birra, tiram brinquedos aos amigos. É na fase da primeira infância, que as crianças iniciam as brincadeiras cooperativas e emergem os conflitos. A criança encontra-se em fase de socialização, o que exige a aceitação ou a rejeição social dependendo da forma como interage. Como Rost, defendeu anteriormente, outros autores como Brazelton e Sparrow (2009), descrevem também algumas manifestações de agressividade na criança como: o morder, o bater, o pontapear e arranhar, a raiva, as birras, o gozar e o molestar.

Quanto a estas manifestações, os autores dizem-nos que o ato de morder inicia-se aos 2 anos de idade. Uma criança quando morde numa outra, ambas deverão ser confortadas, tanto a que foi mordida como a que mordeu. A criança mordida necessita de acarinhada e da ferida tratada, a que morde deve ser também acarinhada. Após ser confortada, a criança terá de enfrentar os limites e as consequências dos seus atos. Quando uma criança de 3 ou 4 anos continua a morder,

estas poderão ter alguns problemas mais sérios, como dificuldades em comunicar perante a sociedade e compreender regras sociais e no controlo de impulsos. Segundo Brazelton e Sparrow (2009), “Aos dois anos de idade, as crianças precisam de aprender a compreender os outros e a preocupar-se com eles, apesar de este ser um processo que dura a vida inteira. Quando magoa outra pessoa, a criança também se sente ameaçada.”(p.88).

A raiva para Brazelton é como o medo, ou seja, é uma reação emocional perante a uma intimidação por parte de outros. Os primeiros sinais de raiva surgem durante a idade infantil, quando a criança não sente que as suas necessidades foram satisfeitas. Segundo Brazelton(2009), “a raiva é causada não apenas pelas ameaças à sobrevivência, mas também por ameaças ao bem-estar emocional”. (p.65).

As birras para Brazelton e Sparrow (2009) iniciam-se no primeiro ano de vida e a sua causa, poderá ser proveniente da fome, do cansaço ou mesmo do excesso de estímulos. As crianças manifestam-se através de birras pois estas durante o seu dia a dia encontram vários desafios ao nível motor, cognitivo, emocional, comunicativo e social. Como ainda não conseguem dominar todos estas competências, devido a sua falta de coordenação, de habilidade, de palavras, as crianças não toleram a sua frustração, paciência, a incapacidade de tomar decisões e a sua capacidade de se acalmar ainda é muito escassa, o que leva a que as crianças manifestem atos de birras. Segundo Brazelton e Sparrow (2010), “As birras acontecem muitas vezes quando a criança não consegue tomar uma decisão. Frequentemente, por detrás da birra da criança, encontra-se está a incapacidade de escolher ou o desejo de independência e o medo” (p.110). Ainda no que diz respeito às birras, as crianças de 2 e 3 anos apresentam episódios de descontrolo. Contudo, é nesta altura que a criança procura, com o seu comportamento, impor-se mesmo que ainda se entenda que a mesma está descontrolada. Estes episódios são vistos pelos mesmos autores, como uma forma de comunicação. Defendem ainda que, nestas idades espera-se que a criança compreenda que as ações de dar beliscões, dar pontapés, magoam e que terão de ser responsabilizadas pelas suas ações.

No que diz respeito ao bater, pontapear e arranhar, estes comportamentos manifestam-se nas crianças com um ano de idade. Estas manifestam-se assim porque se sentem ameaçadas ou então não conseguem corresponder às exigências do dia a dia, e como têm pouca capacidade de se exprimir ao nível da fala, é esta a forma de manifestar o seu descontentamento ou frustração.

Ainda para os mesmo autores é entre os 4 e os 5 anos, que geralmente as crianças começam a ser gozadas, pois começam a tomar consciência das diferenças

existentes, como por exemplo crianças que aparentam ser mais imaturas, as que têm um ar mais fraco ou indefeso. A criança quando goza com outra já existe um intenção clara. Segundo Brazelton e Sparrow (2009), “Gozar com os outros começa por ser uma forma de expressão da consciência das diferenças e um primeiro esforço para compreender o seu significado”(p.81). Ainda estes autores defendem que as crianças que são chamadas de agressores ameaçam as outras crianças através de agressões físicas, mas as crianças que as arrelham arrasam a sua autoestima, quando lhes tocam nos pontos mais fracos das crianças. Segundo Brazelton e Sparrow (2010) “A criança que maltrata as outras é provavelmente uma criança insegura. Sente-se segura maltratando crianças mais novas ou mais pequenas. Escolhe com maior facilidade uma criança que esteja vulnerável e que sofre visivelmente quando é maltratada”(p.89).

As crianças entre os 5 e os 6 anos de idade já começam a ter noção e consciência das suas ações o que lhes permite perceber como o seu comportamento pode afetar a outra criança. Nesta idade as crianças têm uma maior capacidade para se conterem quando sabem que estão prestes a fazer mal a outra criança, desta forma leva a que as crianças manifestem outras formas de agressão mais passivas e eficazes. Segundo Brazelton (2009), “(...) a criança pode ainda ter explosões para testar a sua força e afirmar a sua posição na escala social. Mas depressa vai perceber quem é mais forte que quem e as disputas físicas diminuem” (p.63).

Ainda o mesmo autor diz-nos que as crianças aos 6 anos já conseguem relacionar-se umas com as outras, o que lhes permite evitarem certos conflitos entre si. Também para os autores, as crianças entre os 6 ou 7anos, que se encontram numa nova etapa escolar, começam a ter comportamentos menos agressivos, pois começam a crescer e tornam-se menos egocêntricas, mais compreensivas, mais cooperativas e mais comunicativas. Caso as crianças continuem a manifestar comportamentos agressivos, estas podem estar a tentar a mostrar aos adultos que estão presentes no seu dia a dia ou que algo não está bem (Feldman, Ols & Papalia 2009).

As manifestações de comportamentos agressivos, por parte das crianças no início do seu desenvolvimento é próprio nesta etapa. Estas manifestações, refletem-se nas experiências do dia a dia das crianças. Estes comportamentos nem sempre são possíveis de serem aceites pois, prejudicam o seu modo de convivência em sociedade.

3.1.4 Causas explicativas para agressividade

Alguns autores apresentam alguns fatores que consideram ser a razão para a qual as crianças manifestam comportamentos agressivos. Para Brazelton e Sparrow (2009) as razões para a agressividade nas crianças dos 2 aos 3 anos podem ser de certa forma para chamar a atenção; por raiva devido à frustração no decorrer de uma brincadeira; por sobrecarga de sensações ou cansaço; por autodefesa – contra uma ameaça real ou imaginária. Contudo, os mesmos autores, defendem que “ (...) nenhuma destas razões desculpa os pontapés, os beliscões, as mordidelas” (p. 48).

Conforme Mielnik (1977), este mostra que existem várias razões para a agressividade nas crianças tais como: “ (...) a intromissão de algum companheiro novo ou indesejável, desejo de mandar nos outros, discordância de pontos vistos com irmãos, outras crianças ou mesmo o adulto, e sem motivo aparente” (p. 149).

De acordo com o estudo do artigo do Centro de Excelência para o Desenvolvimento na Primeira Infância [CEDPI] (2010), os comportamentos agressivos, podem ser causados por vários fatores como: a necessidade de amor e atenção, ou seja as crianças que geralmente são pouco acarinhadas pelos pais sentem medo que ninguém goste delas; crianças que não recebem a atenção de que necessitam sentem medo de serem rejeitadas. Desta forma manifestam comportamentos agressivos para chamar a atenção; o medo de mudanças que ocorram, ou seja, as crianças sentem medo das mudanças que ocorrerem ou vão ocorrer nas suas vidas, como não conseguem controlar os sentimentos, demonstram o seu sofrimento através de comportamentos agressivos; a disputa pelo poder, ou seja, a criança sente receio de que se não tiver uma postura firme, autoritária, agressiva, esta passará a ser alvo de agressões e passará a ser a vítima; as vítimas de agressão ou intimidação, que por vezes as crianças que utilizam comportamentos agressivos já foram vítimas de agressões ou intimidações, o que as leva a ter episódios de agressividade com outras crianças para conseguirem deixar de ser vítimas e sentirem-se mais fortes; os problemas e dificuldades escolares, também influenciam quando por vezes não conseguem obter bons resultados ao nível escolar, manifestam a sua frustração com comportamentos agressivos; e a imitação do comportamento adulto, ou seja, as crianças tem como seu modelo o adulto que lhes é mais próximo, assim as crianças tendem a copiar/imitar os comportamentos do adulto.

Alguns fatores associados ao estatuto socioeconómico das famílias como o baixo rendimento, as famílias numerosas e o stress causado pela pobreza e os fatores associados às características individuais das crianças como fraco controlo do comportamento, problemas de concentração, nervosismo, ansiedade, pouca

inteligência, baixo nível cultural, deficiência física ou mental, dificuldades de aprendizagem, aspeto físico estão associadas à práticas de manifestações agressivas (Debarbieux 2002, Smith & Sharp 1994).

Ekblad (citado por Ramírez, 2001), defende que a agressividade se manifesta nas crianças por vários fatores, que resultam tanto dos modelos familiares de educação que incidem na criança a conduta agressiva, como de experiências vividas em contexto educacional e também pelo excesso de horas que as crianças passam em frente à televisão. E ainda segundo Mielnik (1977), “A agressividade infantil é situação que surge no ambiente familiar e exige dos pais um condicionamento especial, utilização de toda paciência e boa vontade e compreensão mais profunda da criança” (p. 148).

Quanto ao tempo que as crianças passam em frente à televisão, outros autores também defendem que, as crianças que passam muito tempo com os média (televisão, computador, vídeo jogos, cinema), tendem a ter comportamentos mais agressivos. Segundo Feldman, Olds e Papalia (2009), “Por causa da alta proporção de tempo que as crianças despendem com a mídia, as imagens que elas vêem podem tornar-se modelos primários de comportamentos e fontes de informação sobre como as pessoas se comportam no mundo real”(p. 403).

Com todas as classificações apresentadas pelos vários autores e todos os motivos/razões que foram mencionados anteriormente, torna-se numa dificuldade distinguir o que é agressão do que não é agressão. Segundo Ramírez (2001), “O fenómeno da agressividade parece ser muito mais complexo e para poder conhecê-lo necessitamos de ter em conta a situação/estímulo que o provoca” (p.10).

Assim sendo, a manifestação de comportamentos agressivos pode ser compreendido como momento de aprendizagem nos primeiros anos de vida da criança. Além disso estas manifestação estão inseridas no meio ambiente em que a criança está incluída como, a família e a escola.

3.2 Estratégias Educativas

Quanto às estratégias educativas, é importante que o adulto consiga compreender e lidar com as crianças que manifestam comportamentos agressivos. Desta forma o adulto passa a ter um papel importante na vida da criança de forma a prevenir tais acontecimentos através da sua intervenção.

Para compreender e lidar melhor com os comportamentos agressivos nas crianças a frequentar o Jardim de Infância, o estudo do artigo CEDPI (2010), os autores Vinet e Grevias mostram-nos que devem criar medidas disciplinares, ou seja,

aplicar punições adequadas à faixa etária da criança que desenvolvam aprendizagens (por exemplo consolar a vítima, compensar por qualquer dano causado, pedir desculpa, etc.) Refere ainda que as crianças devem ser ajudadas a descobrir outras maneiras de obter o que deseja sem manifestar comportamentos agressivos.

Para prevenir os comportamentos agressivos nas crianças, vários autores defendem que o diálogo é fundamental. Pois é através do diálogo que devemos ensinar às crianças que, as birras, o morder, o bater o pontapear, entre outras, não são a forma mais correta de expressarem as suas necessidades. É no diálogo entre as crianças e os adultos, que existe uma transmissão de padrões, valores e normas que se manifestam no desenvolvimento das crianças e que quando se nega algo à criança, quando se diz “não” este deve ser explicado dizendo qual a sua razão de ser/dizer e que ao ter este tipo de comportamento não fará mudar a opinião do adulto.

Ainda relativamente ao diálogo, um estudo realizado por Picado e Rose (2009) diz-nos que os educadores tem um papel fundamental na prevenção dos comportamentos agressivos nas crianças. Este estudo permitiu identificar algumas estratégias de forma a prevenir a agressividade, através da: apresentação das regras e expectativas em relação à criança, do elogio dos comportamentos positivos e o recorrer ao diálogo para descrever os efeitos de ações inapropriadas, quanto aos comportamentos agressivos.

As punições não resolvem os problemas de comportamentos, promovendo assim nas crianças dificuldades de interação entre adultos e outras crianças, pondo também em causa o relacionamento de amizade e cooperação. A punição pode levar a problemas de auto estima, baixa autoconfiança e pouca capacidade de resolução aquando das dificuldades encontradas no dia a dia. tanto na vida adulta como na infantil (Skinner 1993). O mesmo autor defende ainda que, a punição como método educativo, torna-se incerto, pois a longo prazo, ao contrário do reforço positivo, traz desvantagens tanto para a criança punida como para quem pune, promovendo emoções negativas e tendência para descontrolar. Para Skinner (1993), este afirma que:

“a punição pode fazer com que a criança pare imediatamente de emitir o comportamento punido (o que estimula os pais a continuarem punindo), porém pode eliciar sentimento de medo frente a situações similares à que foi punida, podendo levá-la a “fazer qualquer outra coisa” para fugir da punição”(p.231).

No que diz respeito aos castigos, alguns autores defendem que, o castigo é visto como uma forma de repreender ou privar a criança de algo que ela gosta, para que esta possa perceber de uma forma parcial o que fez de forma menos correta.

Assim o castigo só faz sentido quando são estabelecidas regras bem definidas para que a criança consiga compreender o que lhe é ou não permitido (Kapalka 2009; Campbell & Chapman, 2013)..

A introdução da disciplina na vida das crianças dá-se no envolvimento perante vários contextos, tanto no contexto familiar através da interação entre os pais e as crianças e no contexto educacional através da interação entre educadores e crianças. Tal como Hoffman (1994) que defende que as crianças começam a ser confrontadas com as regras e padrões morais através das práticas educativas. Ainda quanto à disciplina, autores como Brazelton e Sparrow (2010), defende que a disciplina é vista como uma forma de aprendizagem na vida da criança. Quando uma criança manifesta comportamentos menos corretos, pode ser visto como, uma primeira tentativa de orientar os seus sentimentos mais intensos. Desta forma para que a criança aprenda a gerir as suas emoções sem manifestar comportamentos menos corretos é necessário implementar alguma disciplina. Assim sendo, para que isso aconteça a criança precisa de ser ajudada por um adulto (educadores, pais) para que compreenda os seus sentimentos e os viva sem perder o controlo sobre si.

As punições, o castigo, o diálogo, a disciplina podem ser vistos pelos autores como métodos de intervenção perante comportamentos agressivos nas crianças. Quanto às manifestações de comportamentos agressivos, existe um conjunto de fatores como: o temperamento difícil, ausência de limites, falta de carinho, frustração, entre outros. Desta forma o adulto deve ter muita paciência para compreender todas estas manifestações por parte da criança para conseguir dar respostas às mesmas.

4. Abordagem Metodológica

4.1 Tipo de Estudo

A metodologia utilizada para dar resposta às minhas questões baseou-se numa abordagem qualitativa. Esta assenta numa abordagem qualitativa de carácter exploratório. De acordo com Morais e Neves (2007), existem dois tipos de investigação: a investigação qualitativa e a investigação quantitativa.

Biklen e Bogdan (1994) afirmam que a investigação qualitativa possui cinco características: o investigador procura recolher os dados através do contacto com outras pessoas; o tipo de investigação surge de uma forma descritiva (entrevistas, das notas de campo, das fotografias e dos vídeos, de forma a existir uma recolha de dados minuciosa); os investigadores qualitativos preocupam-se mais com a forma como é feito o estudo do que com os resultados; o estudo não surge com o objetivo de confirmar ou não uma hipótese e por último, a interpretação dos dados. Posto isto,

posso afirmar que o estudo por mim definido tem um carácter qualitativo, uma vez que me debrucei sobre a recolha de dados relativos ao contexto de estágio e às minhas questões de investigação; através de entrevistas não diretiva às educadoras de infância e em conversas informais com as professoras orientadoras; através do registo fotográfico para que conseguisse obter dados para a minha investigação. Bogdan & Biklen (1994), referem que:

“(...) os dados recolhidos são [...] ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, assim, formuladas com o objectivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.” (p.16).

Desta forma, com este estudo sobre a “Agressividade no Jardim de Infância”, pretendo compreender que tipo de agressões existem, e que estratégias devem ser usadas para a sua prevenção. No meu estudo pretendi com o auxílio das entrevistas, dar resposta às minhas questões de pesquisa, sabendo o que se pode considerar como comportamento agressivo nas crianças, quais os fatores que podem influenciar a existência de comportamentos agressivos nas crianças e como reagir perante um comportamento agressivo de uma criança e que estratégias a utilizar com crianças que manifestem comportamentos agressivos.

Para isso realizei uma recolha de dados de carácter documental, isto é recorrendo a bibliografias e a testemunhos de profissionais. Para a recolha de dados utilizei entrevistas, seguindo uma orientação semidiretiva, sem prejuízo de uma prévia estruturação através de um guião (Anexo D). É de salientar que uma entrevista semidiretiva envolve a construção de um guião (Anexo E). Segundo Afonso (2005), um guião de entrevista deve ser constituído por questões de pesquisa e eixos de análise, que permitem ao entrevistador recolher o maior número de informação relativa ao tema a investigar.

4.2 Participantes e instrumentos

Para este estudo foram entrevistadas 7 educadoras de infância. Entrevistei 3 educadoras da valência de creche (A, B, C) e outras 4 da valência de pré-escolar (D, E, F, G). As educadoras selecionadas para a entrevista tinham de ter no mínimo cinco anos de serviço, para que com a sua experiência pudessem responder de forma mais experiente às questões colocadas no meu estudo exploratório.

A entrevista efetuada partiu de um guião dividido em quatro blocos (ver Anexo D). O bloco I destinou-se à caracterização do entrevistado, o bloco II ao conhecimento da conceção acerca da agressividade, o bloco III a identificação de causas/fatores que estão associados ou que desencadeiam comportamentos agressivos e por último, o bloco IV a identificação de estratégias de prevenção e de intervenção face aos comportamentos agressivos. Para cada um dos blocos foi definido um conjunto de objetivos e de questões que permitiam compreender o que são comportamentos agressivos em idade pré-escolar, quais os motivos que conduzem as crianças a manifestarem este tipo de comportamentos e acima de tudo, saber quais as intervenções mais adequadas para lidar com estas manifestações de comportamentos agressivos por parte das crianças.

As respostas dos entrevistados foram gravadas e transcritas (Anexo F). Posteriormente estas foram sujeitas a uma análise de conteúdo (Anexo H), para que identificasse as principais ideias que os entrevistados referenciam. A transcrição das conversas com as educadoras, foram de uma importância essencial para a minha análise dos dados, acabou por se revelar bastante árdua pelo tempo consumido, mas também pela concentração exigida na anotação fidedigna das declarações das educadoras, que eram registadas ao mesmo tempo que se ouvia o registo áudio. Na passagem das entrevistas para a escrita, procurou-se respeitar, dentro dos limites possíveis, as características próprias do registo oral, utilizando alguns símbolos para sinalizar as situações que decorreram durante as entrevistas (Anexo G). Saliento, ainda, que, ao longo das conversas com as educadoras, houve perguntas que, por motivos vários, foram objeto de reformulação ou reforçadas as ideias, as quais aparecem escritas a negrito, na transcrição das entrevistas.

5. Apresentação e Discussão dos Resultados Obtidos

Como já foi referido anteriormente, o instrumento utilizado para a recolha da informação foi a entrevista, aplicada a 7 educadoras de infância. Desta forma, neste ponto serão apresentados estes mesmos dados recolhidos.

Quanto à definição de comportamentos agressivos, pude verificar que os relatos dos entrevistados parecem ir ao encontro dos fundamentos principais que encontrei na revisão de literatura. A grande maioria defende que os comportamentos agressivos são maioritariamente uma sequência de comportamentos desadequados que a criança tem para com outra ou mesmo para com os adultos, tendo intenção de causar danos nos outros e que excedem os seus limites. Estes comportamentos são vistos pelos

entrevistado do tipo físico, verbal. A grande maioria destes comportamentos, consideram, podem ser devido ao ambiente familiar e ambiente sociável. Assim sendo, as perspetivas dos entrevistados vão ao encontro de vários autores, pois a agressividade, pode ser vista para como um comportamento destinado a magoar alguém fisicamente ou psicologicamente (Perry & Boldizer 1990, Berkowitz 1993). Também Silveiras (2001), diz que as crianças que apresentam comportamentos agressivos por norma apresentam dificuldades em relacionar-se a nível social, nomeadamente, perguntar e responder a questões, cumprimentar os amigos, participar em atividades, cooperar, dividir e elogiar os colegas.

Ainda algumas educadoras dizem, que os comportamentos agressivos nas criança podem ser considerados como um sinal de que algo não está a correr bem. A insegurança que a criança possa estar a sentir, leva a que esta sinta necessidade de se afirmar, chamando assim atenção dos adultos. As chamadas de atenção podem ser vistas como provocatórias e conflituosas, em que a criança provoca uma reação nos amigos. Estas manifestações são vistas como conflituosas, quando a criança tira os brinquedo/objetos aos outros, nega brincar com um amigo, “luta” por um determinado espaço. A criança entra em conflito com os amigos ou mesmo com o adulto, pois consegue compreender quando os afeta e consegue provocar desconforto nos mesmos. Os autores Brazelton e Sparrow (2009) defendem que (...) a criança aos 4 anos, está mais observadora”(...) “ a criança está a desenvolver a capacidade de imaginar os sentimentos e pensamentos dos outros e já percebe que tem capacidade para os afectar” (...) A criança consegue avaliar os efeitos do seu comportamento com mais compreensão das suas consequências, um novo sentido do que é certo ou errado.” (p.49).

Outras formas de chamar à atenção poderão ser as manifestações verbais, em que a criança desafia o adulto com atitudes menos adequadas verbalmente, insultando repetidamente tanto os adultos como as outras crianças. As manifestações físicas, em que a criança perde o controlo e começa a, bater, a morder, a puxar cabelos, a empurrar e a pontapear repetidamente para com outras crianças, para que consiga ter a devida atenção do adulto que o acompanha no seu dia a dia. Esta perspetiva apresentada pelas educadoras, acompanham as perspetivas de Brazelton e Sparrow (2009) “atos agressivos repetidos como sejam bater ou arranhar podem ser um sinal de que a criança precisa de ajuda”.(p.53) Segundo testemunhos dos entrevistados, estas chamadas de atenção por parte das crianças, podem estar relacionadas com o ambiente familiar em que a criança está inserida. Esta poderá estar num ambiente onde a vivência de situações de agressividade familiar são

constantes. Quando a criança vive neste ambiente familiar, todas as suas atitudes, manifestações refletem-se nas vivências diárias da criança, pois as figuras parentais são os modelos, os exemplos que as crianças tendem a seguir e é assim que as crianças aprendem imitando as suas figuras parentais. Para esta perspetiva os autores Maia e Vilhena (2007), sustentam que as crianças que apresentam comportamentos agressivos podem ser reflexo dos pilares parentais com a lacuna das funções por parte da figura maternal e paternal.

Todos estes comportamentos agressivos manifestados pelas crianças de várias formas e origens, funcionam como um alerta para que os adultos possam compreender que existe um problema com a criança (agressor).

Existiu por parte de alguns dos entrevistados uma perspetiva de que as birras fazem parte das manifestações de agressividade, em que defendem que quase todas as crianças passam com menor ou maior intensidade, por momentos de birras. Estas podem ser por vários motivos, como, dificuldades em: executar uma tarefa, ultrapassar um desafio que se encontra fora do seu alcance, aceitar um pedido, relacionar-se com os pares. Esta perspetiva acompanha a ideia defendida por Brazelton e Sparrow (2010), que diz que “as birras acontecem porque as crianças (...) encaram um vasto leque de desafios - motores, cognitivos, emocionais, comunicacionais e sociais – ainda não dominam as competências necessárias para lidar com todos eles” (p. 100). As birras são ainda um sinal de crescimento, e é uma característica duma fase em que a criança procura afirmar-se. Contudo os entrevistados defendem que apesar de ser difícil de lidar com este tipo de comportamentos, pode ser uma excelente oportunidade para ajudar as crianças a aprenderem a conviver com os sentimentos de frustração e de zangas, e a desenvolver a capacidade de autocontrolo. Esta perspetiva acompanha a ideia defendida por Brazelton e Sparrow (2010), que diz que “as birras acontecem muitas vezes quando a criança não consegue tomar uma decisão” (p.110)

Deste modo, emergiu do discurso dos sujeitos as seguintes categorias que se destinam às manifestações de agressividade por parte das crianças que será representado na tabela seguinte:

Categorias	Unidades de Sentido (exemplos)	N.º de Unidades de Sentido
Comportamento de Origem Verbal	C.(...) exceder os limites, desafiando o adulto com atitudes menos adequadas verbalmente.	3
Comportamento de Origem Física/ Origem Física com colegas e com os adultos	B (...) descontrolo da criança fisicamente. C (...) exceder os limites, desafiando o adulto com atitudes menos adequadas fisicamente. Agredir os pares sem motivo aparente e agredir os adultos em situação de contrariedade. G (...) morder, puxar cabelos. Bater quando o amigo não lhe dá uma peça ou brinquedo, quando uma criança não quer fazer o que a outra quer e obriga usando a força. Empurrar e pontapear.	14
Comportamento de Origem Defensiva	A.(...) quando a criança se defende de alguém que a tenha magoado. F.(...) situação de autodefesa. Um amigo magoa outro e mais tarde esse outro, assim que consiga irá bater, empurrar quem o magoou.	7
Comportamento de Origem Conflituosa	C.(...) conflito com os pares e com os adultos. F.(...) quando querem atenção do adulto manifestam comportamentos agressivos de forma provocatória G.(...) Origem provocatória, que provoca reação na outra criança. Provocação de uma amigo	3
Comportamento de Origem Exploratória	G.(...) origem exploratória.	1
Comportamento de Origem Intencional	B.(...) para a criança atingir um objetivo: aquilo que quer. E.(...) atirar objetos com intenção. F. (...) quando uma criança tem intenção de magoar e sabem que magoam. Disputa de brinquedos objetos. G.(...) Luta por um lugar num determinado espaço.	6
Comportamento de Origem Familiar	A (...) sentirem diferenças no seio familiar, serem os irmão mais novos ambiente familiar agressivo (violência domestica, discussão sucessiva em casa). B (...) exemplos de agressões no ambiente familiar. C (...) educação que é dada às crianças pelos pais. Crianças habituadas a assistir ou mesmo vitimas de algum tipo de agressão no seio familiar.	8
Comportamento de Origem Emocional	B.(...) carinho, afeto e atenção. C (...) insegurança da criança, necessidade de se afirmar, autoestima elevada e dificuldade em lidar com frustração. Autoestima baixa. Necessidade de chamar atenção. E.(...) dificuldade em lidar com a frustração. Revolta por falta de atenção e afeto. Quando a criança é contrariada. Quando não vê as suas necessidades e desejos concretizados. F.(...) chamadas de atenção e quando contrariadas G.(...) visar o que a criança sente e exprimir-se de uma forma não adequada.	23
Comportamento de Distúrbios	A (...) distúrbios comportamentais.	1

Tabela n.º 5 Categorias de manifestações de agressividade.

Quando questionados se já tinham passado por alguma situação em que as crianças manifestassem comportamentos agressivos, os entrevistados foram unânimes em afirmar que sim, no entanto, os discursos relativos à exemplificação das mesmas apresentaram-se em alguns casos um pouco vagos. Estes exemplificaram

tanto as manifestações de agressividade entre criança/criança e outras criança/adulto, como maioritariamente agressões físicas em que a criança bate, empurra, arranha, puxa cabelos, pontapeia, atira objetos como cadeiras, brinquedos, entre outros. Assim desta forma para Brazelton e Sparrow (2009) estes defendem que:

(...) “as crianças em idade pré-escolar colidem umas com as outras, magoam-se, descontrolam-se e depois batem como forma de retaliação.” (...) “Estas crianças batem, dão pontapés e arrancam porque ainda estão adquirir capacidades importantes: fazer amigos, partilhar, esperar pela sua vez, saber perder, pedir desculpa com sinceridade, resolver conflitos e solucionar problemas (...)”. (p. 86).

Quanto à ação dos entrevistados perante comportamentos agressivos, estes apresentam as suas perspetivas: quando uma criança manifesta comportamentos agressivos, algumas educadoras dizem que, o adulto acima de tudo, deve estar calmo manter a tranquilidade, não entrar em conflito para que a criança não se descontrola e acima de tudo ouvi-la. O adulto deverá compreender as razões que levou a criança a manifestar tais comportamentos para que de seguida possa intervir corretamente tanto com a criança que agrediu como com a criança que foi agredida. Para Brazelton e Sparrow (2009), defendem que “se a criança está descontrolada, ou se magoou realmente outra criança, a segurança e a contenção devem ser a primeira preocupação.(...) mas uma criança descontrolada também necessita da sua compreensão.” (p.53). É nestas situações que o adulto deve manter um diálogo com a criança, ou seja, conversa com ela calmamente, explicando-lhe que o comportamento que teve estava errado porque fez mal a algum colega e mostrar-lhe que poderia ter reagido de outra forma.

Quanto às estratégias de atuação, alguns dos entrevistados defendem que quando a criança começa a ter mais perceção e começa a controlar-se é importante felicitá-la por ter manifestado um bom comportamento, procurando falar com ela sobre as alternativas de se expressar, em vez de usar comportamentos menos corretos. É através da firmeza por parte dos adultos e da insistência por parte dos mesmos em que as crianças respeitem as regras, que estas aprendem que tudo tem limites, e aprendem a viver em sociedade. O educador para conseguir prevenir os comportamentos agressivos nas crianças tem de lhes impor limites, isto porque não se consegue viver em sociedade sem o cumprimento de regras sociais (Oliveira, 2015).

A grande maioria das educadoras defendem que quando as crianças demonstram comportamentos agressivos deve-se estabelecer um diálogo com as mesmas, mostrando que as atitudes agressivas não são as mais corretas para obtermos o que pretendemos adquirir. Para Silva (2000), este diz-nos que o diálogo é

importante no contexto educativo, para que possa existir um momento de expressar sentimentos, opiniões e determinar limites. Ainda quanto ao diálogo entre o adulto e a criança, este deverá falar com calma, dando espaço e tempo à criança.

Algumas educadoras defendem ainda que se devem trabalhar valores como: tolerância, entreaajuda, cooperação, partilha, amizade, ajuda, amor, diferenças pessoais (entre outros). É através da abordagem destes valores que alguns dos entrevistados utilizam os jogos como outra das estratégias de prevenção. Na perspetiva de alguns dos entrevistados, o jogo é visto como uma boa forma para conseguirem trabalhar com as crianças as manifestações de agressividade, pois em concordância com alguns autores Prodócimo et al (2007). estes dizem que:

(...) “abordar o jogo como forma de lidar com as manifestações agressivas. (...) o jogo joga com que se envolve (...)entrega-se, manifesta o seu íntimo, seu mundo interior, desejos, fantasias, repressões mal resolvidas, ansiedades, medos. (...)mas, para isso, faz-se necessário entender como o jogo pode ser utilizado para tal ou qual a sua real contribuição para as manifestações agressivas” (p. 132).

É através da brincadeira livre como na orientada que a criança poderá conseguir resolver os problemas. Um dos entrevistados defendem que o adulto deve estar intervir nas brincadeiras das crianças para que estas se sintam seguras e para o adulto conseguir demonstrar que não é só uma autoridade, mas também um amigo que está ali para responder aos seus medos, às suas angústias. Pois é através das brincadeiras que as crianças expressam sentimentos que não conseguiriam exprimir por palavras. Além disso, é através das brincadeiras que a criança compreendem que existem regras que têm de ser respeitadas para que as outras crianças brinquem com outras. Como defende o autor Post (2000), “a brincadeira é também um meio que a criança utiliza para interagir com outras crianças e com os próprios adultos”(p. 25).Este autor diz-nos ainda que as brincadeiras podem servir para dar conhecimento/comunicar aos educadores as frustrações das crianças e não só os seus triunfos.

Alguns dos entrevistados defendem que as punições/ castigos passam por chamar atenção numa abordagem coletiva, ou seja chamar atenção grupo e crianças e também uma abordagem individual, chamar atenção da criança em particular para que esta perceba que não pode voltar a fazer e a ter o mesmo comportamento agressivo. E posteriormente aplicar um castigo adequado como permanecer a criança sentada numa cadeira sem fazer o que mais gosta para de seguida o adulto conversar com, reforçando as regras que são impostas nas sala e fazer com que a criança

compreenda que não cumpriu com as mesmas e que as suas atitudes para com os colegas ou adultos não foram as mais corretas. Estes testemunhos vão ao encontro dos autores Ribeiro, Eckert, Silva e Souza (2007), que afirmam, que o castigo físico ou corporal é utilizado como estratégia do adulto para obrigar as crianças a modificar os comportamentos menos corretos.

Deste modo, emergiu do discurso dos sujeitos as seguintes categorias que se destinam às estratégias de intervenção perante as manifestações de agressividade, que será representado na tabela seguinte:

Categorias	Unidades de Sentido (exemplos)	N.º de Unidades de Sentido
Comportamentos de Atitudes de Desvalorização	C.(...) não valorizar muito o comportamento no momento. Não valorizar muito o comportamento da criança para que não se sinta que foi motivo de atenção. E.(...) adequação de regras bem definidas.	2
Comportamentos Sociável / Regras de Socialização	A.(...) falta de regras. Discriminação. A não compreensão pelos outros C.(...) ser coerente com a imposição de regras e limites. E. (...) dificuldade no respeito pelo aceitável e o correto. Falta de valores. Conduta dos elementos educativos.	12
Comportamentos de Atitudes de Compreensão	A.(...) tentar perceber o porquê das suas reações e encontrar a melhor maneira de intervir. ouvir a criança C.(...) tentar perceber as razões que levaram a criança a manifestar-se agressivamente.	5
Comportamentos de Intervenção de Interajuda e Cooperação	B.(...) sensibilizar os responsáveis parentais e outro tipo de ajudas. D.(...) implementação de jogos a pares que promovam a cooperação e a interajuda. E.(...) pedir a sua colaboração para uma tarefa.	5
Comportamentos Intervenção através do Diálogo/ Conversa	C (...) conversar e tentar perceber a razão. Após a criança acalmar, tentativa de conversa com a criança. E (...) falar com calma, dando espaço e tempo à criança. Conversar sobre as rotinas. Chamadas de atenção.	15
Comportamentos de Intervenção através de Castigos/ Atitudes Repreensivas	C.(...) chamadas de atenção para que a criança perceba que não pode voltar a fazer. E.(...) abordagem coletiva, chamar atenção do grupo e abordagem individual, chamar atenção da criança em particular. G.(...) aplicação de castigos ou reforço positivo.	7
Comportamentos de Intervenção Tranquilizante	B (...) pedir ajuda a profissionais especializados, caso seja necessário. C (...) manter a calma e não entrar em conflito com a criança agressora para que esta não se descontrole.	5
Comportamentos de Intervenção Explicativa	E.(...) Chamar à razão, explicar que o que fez é errado. F.(...) explicar que não se pode magoar os amigos.	3

Tabela n.º 6 Categorias dos fatores de intervenção perante manifestações de agressividade

Com esta entrevista semidiretiva tive a oportunidade de receber feedback das 7 educadoras de infância em diferentes fases da sua carreira, relativamente ao que consideram comportamentos agressivos foram unânimes quanto as suas perspetivas. Com estas mesmas entrevistas foi possível verificar que com o avançar dos anos de carreira o educador adquire maiores competências, conseguindo definir um conjunto de estratégias que sejam favoráveis para corresponder às manifestações de agressividade por parte das crianças e consequente aprendizagem por parte destas, tendo em conta a sua individualidade, as necessidades e os seus desejos.

Parte III –Considerações Finais

1. Reflexão Final

O presente documento é o finalizar de um longo percurso desenvolvido no que diz respeito ao Mestrado em Educação Pré-Escolar. Após esta intensa caminhada de muito trabalho e de muito exigência sinto que existiu uma grande evolução enquanto profissional e como pessoa. Toda este crescimento devo-o às experiências vividas tanto em contexto de estágio como em sala, aos conhecimentos que me foram transmitidos tanto pelas docentes como pelas educadoras cooperantes e até mesmo com a vivências das crianças.

Quanto às unidades curriculares, estas foram base de todo o conhecimento adquirido, toda a articulação da teoria com a parte prática foram imprescindíveis no meu desenvolvimento durante os períodos de estágio enquanto interveniente e nos diversos trabalhos e reflexões escritas que me permitiram fazer pesquisas mais teóricas antes de partir para a prática profissional.

Penso que os estágios são uma mais valia para poder aplicar o que nos é transmitido, para vivenciar e ultrapassar as dificuldades e tornar-me reflexiva quanto à minha prática. O facto de ter estagiado nos contextos de Creche e Jardim de Infância e em duas instituições diferentes permitiu-me contactar com diferentes realidades que permitiu vivenciar situações que suscitaram interesses, curiosidades em saber mais para um melhor desempenho profissional e pessoal.

Neste meu percurso, consegui ultrapassar algumas inseguranças que passavam por ter uma intervenção mais permanente, o controlo do grupo passava a estar inteiramente à minha responsabilidade. Consegui ultrapassá-las com ajuda do meu par estágio que me apoiou sempre em todos os momentos, lembro-me que uma vez a educadora cooperante propôs que fosse eu a ensaiar as crianças para a festa de natal. Nesse momento senti-me bastante nervosa, mas com ajuda do meu par de estágio sentámos as crianças no tapete, falámos sobre a festa e mostramos a música através do computador para dar a conhecer a mesma. De seguida, começámos a cantar a canção. Todos os dias tínhamos um momento para ensaiarmos a canção e com o passar dos dias a confiança foi crescendo pois consegui conquistar o grupo de crianças e interagir com eles. Após ter ultrapassado todas estas minhas inseguranças, surgiram-me durante o estágio duas questões que foram resolvidas com leituras, com a ajuda das educadoras cooperantes das professoras supervisoras e do meu par de estágio. Uma das questões estava relacionada com a alimentação das crianças e ao fazer algumas leituras consegui compreender e respeitar quais os motivos das crianças não quererem comer durante o dia e qual a melhor forma para intervir junto

dessa criança. A outra questão foi a da agressividade das crianças que me levou a desenvolver este trabalho.

Considero que todo o trabalho de pesquisa, que está integrado na segunda parte deste relatório final de mestrado, foi uma mais valia para mim enquanto futura profissional de educação. A investigação efetuada permitiu-me chegar a algumas ideias/respostas importantes para a compreensão da minha questão de investigação. Estas chegaram por via da revisão da literatura. Contudo outra das aprendizagens ocorreu através das entrevistas realizadas às educadoras de infância, que através das suas partilhas de ideias, vivências, forneceram o maior número de informações essenciais para que conseguisse responder a esta problemática.

Com base em todas as leituras e entrevistas realizadas, considero que a agressividade em idade pré-escolar acontece da seguinte forma: quando a criança perde o controlo em si e fica irritada, impaciente, aborrecida; passando assim para atos mais violentos como morder, bater, pontapear, empurrar, puxar cabelos, gritar, chamar nomes, atirar objetos, retirar ou estragar objetos/brinquedos das outras crianças. Contudo, as birras também podem ser vistas como agressividade na criança. Estes comportamentos manifestados pelas crianças podem estar associados a várias causas: de origem familiar, quando a criança vive num contexto familiar desequilibrado devido a vários fatores; de origem emocional, quando a criança se encontra insegura e sente dificuldade em lidar com a frustração e muitas vezes com a negação ou contrariedade e com a sua personalidade; e de origem sociável, quando na criança não existem regras de socialização.

Durante as minhas leituras e práticas de estágio pude constatar que as crianças que demonstram alguns atos de agressividade para com os outros, por norma têm bastantes dificuldades em relacionar-se com os outros no dia a dia da sala. Muitas das crianças não querem participar nas atividades, têm bastantes dificuldades em partilhar com os colegas brinquedos e brincadeiras. No que diz respeito ao momento de saudar os colegas e quando têm de lhes pedir desculpa, estes sentem bastante dificuldade, pois ao pedirem desculpa as crianças teriam de admitir que estavam erradas e que o que tinham feito não estava correto.

É da responsabilidade do adulto trabalhar os comportamentos menos adequados com as crianças, de forma a que estas se consciencializem das suas atitudes e comportamentos. Pois, as crianças ao crescerem e ao passarem por vários momentos da sua vida, tanto no contexto escolar como no familiar, começam a ter mais noções do certo e do errado; da partilha de objetos, conhecimentos; da cooperação, do amor ao próximo (preocupar-se com os outros), o respeito pelo

próximo. Essas noções levam a que as crianças tenham comportamentos mais calmos e capacidade de resolução de problemas que surgem no seu dia a dia, capacidade de comunicarem uns com os outros. Ou seja é desde o nascimento e no decorrer da vida da criança, que tanto os pais como a comunidade escolar deve transmitir e incutir os valores morais para que as crianças consigam conviver em sociedade de forma cívica.

O trabalho desenvolvido nesta caminhada foi sem qualquer dúvida um processo de grandes aprendizagens. Aprendizagens que passaram pelas: planificações mais flexíveis no dia a dia em sala, pela minha capacidade de refletir após terminar as minhas intervenções com as crianças, pelas novas formas de me organizar individualmente e coletivamente e pela nova forma de ultrapassar os obstáculos através de pesquisas que me possam ajudar a ultrapassar estes obstáculos. Todo este percurso académico, que me ajudará a ultrapassar obstáculos no meu futuro profissional e que me auxiliará em momentos mais decisivos. Não esquecendo a importância do trabalho de equipa, nomeadamente o meu par de estágio, que promoveu o trabalho reflexivo e cooperativo, o diálogo e o debate em vários momentos neste nosso percurso académico.

Para finalizar este meu trabalho agradeço a todos os docentes, educadores de infância, colegas de turmas e crianças que fizeram parte deste meu percurso profissional e que tanto contribuíram para os meus conhecimentos adquiridos. Muito obrigada a todos os que me acompanharam.

Referências Bibliográficas

- ▣ Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação*. Lisboa: Edições ASA.
- ▣ Alvarenga, P; Piccinini, C. (2001) Práticas Educativas Maternas e Problemas Comportamento em Pré- Escolares – Psicologia Reflexão e Crítica. p. 449-360. Brazil – Rio Grande do Sul.
- ▣ American Psychiatric Association. (2002). Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais (DSM-IV-TR). Lisboa: Climepsi Editores
- ▣ Belliot, M. D., Cachia, H. & Machinot, S. (1986). *Diététique infantile*. Paris: Masson.
- ▣ Berkowitz, L. (1993). *Agression: its causes, consequences, and control*. New York: Academic Press
- ▣ Bodgan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos*. Porto: Porto Editora;
- ▣ Brazelton, T. B. (1995). *O Grande Livro da Criança – o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Barcarena: Editorial Presença.
- ▣ Brazelton, T.B., & Sparrow, J. D. (2009). *Compreender A Agressividade na Criança*. Lisboa: Editorial Presença.
- ▣ Brazelton, T.B., & Sparrow, J. D. (2010). *O Método Brazelton - A Criança e a Disciplina*. Lisboa: Editorial Presença. Campbell, R. & Chapman, G (2013). *As cinco linguagens do amor das crianças [livro eletrónico]*, traduzido por José Fernando Cristófaló. São Paulo: Mundo Cristão
- ▣ Celia, L. dos Santos (2003). *Aquisição e desenvolvimento infantil (0-12 anos): um olhar multidisciplinar*. Porto Alegre: Edipucrs.
- ▣ Costa, M. & Vale, D. (1998), *A violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- ▣ Debarbieux, E. (2002). Risk factors for youth violence. Em E. Debarbieux, C. Blaya (Ed.), *Violence in Schools and Public Policies*. France: Elsevier.
- ▣ Faria, C., Oliveira, R., Esmeraldo, T. São Marcos T. (2010). *A Aventura dos Alimentos 1 aos 5 anos*. Lisboa: Secretaria Regional dos Assuntos Sociais. Direcção Regional de Planeamento e Saúde Pública.
- ▣ Feldman, O.&P. (2009). *O Mundo da Criança. Da infância à adolescência*. 12º Edição. São Paulo: McGraw Hill

- ❏ Fonseca, A. C. (2007). Importância dos primeiros anos de vida – o exemplo dos comportamentos agressivos. In A. C. Fonseca, M. J. Seabra – Santos & M. F. F. Gaspar, (Org.). *Psicologia e Educação – Novos e Velhos Tempos* (pp.129-169). Coimbra: Almedina.
- ❏ Formosinho, J. Oliveira (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*, 4ª Edição. Porto: Porto Editora.
- ❏ Gervais, J. e Vinet, I.(2010). Centro de Excelência para o Desenvolvimento na Primeira Infância – Comportamentos Agressivo (Eds. I e II).Canadá. Early Childhood Development. Gerring, R. & Zimbardo, P. (2005). A psicologia e a vida. São Paulo: Artmed.Gottmon, J. & DeClaire, J. (1999). *A Inteligência Emocional na Educação*. Cascais: Editora Pergaminho
- ❏ Hohmann, M. & Post, J. (2011). *Educação de Bebés em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ❏ Kapalka, G. M (2009). Como educar crianças temperamentais. São Paulo: Gente
- ❏ MAIA, M. V. C. M.; VILHENA, J. “Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”: reflexões sobre agressividade, comportamento antissocial e violência na contemporaneidade. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, Garça, 1ª ed., nov. 2003. Seção Artigos/Ensaios. Disponível em:<<http://www.revista.inf.br/psicologia01/>>. Acesso em: 16 de setembro 2015.
- ❏ Maia, M. V. M. (2007)“Pode alguém comer seu próprio bolo e continuar a possuí-lo?” reflexões sobre a agressividade da infância a partir do olhar de Winnicott RedePsi, são Paulo Disponível em:<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/msrtsection/print.php?itemid=906> Acesso em: 22 de outubro 2015
- ❏ MIELNIK, Isaac.(1977.) O comportamento infantil: técnicas e métodos para entender crianças. São Paulo: Ibrasa.
- ❏ Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ❏ Morais P. & Neves, A. M. (2007). Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista, *Revista Portuguesa de Educação*. 20(2), 79.
- ❏ OMS (1992). Clasificación internacional de los trastornos mentales. CIE-10.
- ❏ Oliveira, J.E.C. (2015).Indisciplina Escolar e Educação Física – Ações de minimização dos comportamentos inadequados no ambiente escolar 1º Edição. São Paulo.
- ❏ Perry, D., Perry, L. & Boldizar, J. (1990). Learning of aggression. Em M. Lewis & S.Miller (Ed.), *Handbook of developmental psychopathology*. New York:

PlenumPress.Ramirez, F. (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*. Amadora: McGraw-Hill.

❏ Ribeiro, A. (2007). *O bullying em contexto escolar estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em Administração e Planificação da Educação, Universidade Portucalense. Disponível em <[http://www. repositório.uportu.pt](http://www.repositorio.uportu.pt) Acesso em 14 de outubro 2015].Roldão, M. (1994). *O pensamento concreto da criança - uma perspectiva a questionar no currículo*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

❏ ROST, Maria Elisabette L. C. *A agressividade no cotidiano escolar, 2004*. Disponível em: < <http://www.psicopedagogia.com.br> >. Acesso em: 28 de janeiro de 2015

❏ Santos, Ellen Fernanda Revista Científica Eletrônica de Psicologia – ISSN: 1806-0625. Publicação semestral da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça FASU/FAEF e Editora FAEF,– Ano VI – Número 11 – Novembro de 2008 – Periódicos Semestral. www.revista.inf.br Acesso em 20 de outubro 2015

❏ Schaffer, H. (1996). *Desenvolvimento social da criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

❏ Segurança Social. [On-line] Retirado de <http://www4.seg-social.pt/ipss>. Consultado a 17 de janeiro de 2015

❏ Sidman, M. (1995). *Coerção e suas implicações*. Campinas: Editorial Psy II

❏ Silva, A. T. B. (2000). *Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as habilidades sociais educativas de pais*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos

❏ Silvaes, E.F.M. (2001). *Ludoterapia cognitivo-comportamental com crianças agressivas*. Em H.J. Guilhardi, M. B: B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre Comportamentos e cognição: Expondo a variabilidade* . Santo André, SP.ESETec..

❏ Smith, P., & Sharp, S. (1994). *School bullying. Insights and perspectives*. London: Routledge

❏ Skinner, B. F. (1993). *Ciência e comportamento humano* (8a ed.) São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1953).

❏ Stoppard, M. (2005). *Guia Completo para Cuidar de Bebés e Crianças*. Porto: Editora Civilização

Anexos

Anexo A

As figuras n.º 8 ilustram para o tema dos animais aquáticos. Nesta atividade, tínhamos como principal objetivo que as crianças identificassem oralmente os animais que pertenciam ao grupo dos aquáticos e não aquáticos, visto que as crianças na semana a seguir teriam uma visita de estudo programada ao Oceanário.

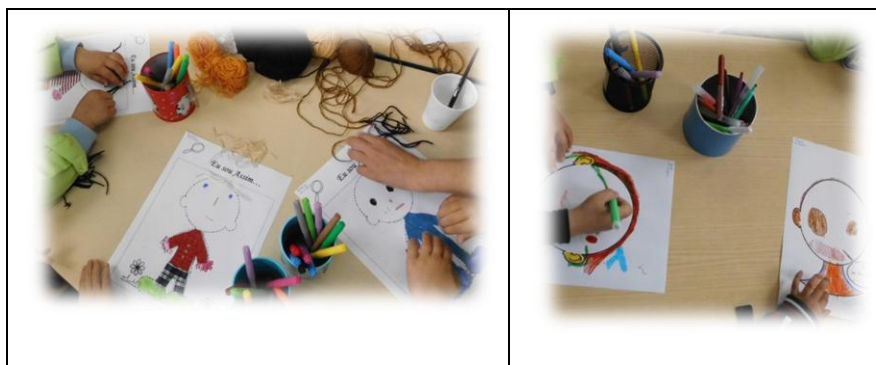
Nesta atividade cada criança, individualmente, tinha de identificar o animal que aleatoriamente tirava de um baú das surpresas e colocaria no conjunto a que pertencia esse animal. Além disso, para tornar o tema dos animais aquáticos mais animado e motivante, e permitir ao grupo de crianças pôr em prática o respeito pelo próximo, propus ao grupo realizarmos um jogo, que teve como nome “jogo do pescador”. Nestas atividades houve o cuidado de trabalharmos algumas regras do trabalho em grande grupo.



Com este tema dos animais aquáticos tivemos o cuidado de fazer transversalidade entre o conhecimento do mundo em que as crianças teriam de identificar o animal; com a matemática em que tinham de agrupá-los de acordo com os animais aquáticos e não aquáticos. Ainda neste tema tivemos o cuidado de trabalhar a área da expressão e da comunicação através da expressão motora com os jogos tradicionais, fazendo a transversalidade com a área da formação pessoal e social através do relacionamento das crianças com elas próprias e com os outros.

Anexo B

As figuras n.º9 ilustram para o tema as diferenças existentes no Ser Humano. Para este tema tivemos o cuidado de utilizar objetos reais para poder colocar em prática o que era pretendido. Para isso optámos por escolher aleatoriamente três crianças do grupo para que o restante pudesse observar a cor dos olhos, a cor do cabelo, tipo de cabelo, as alturas, o peso e o género. De seguida, após a observação, as crianças teriam de identificar as diferenças oralmente. Após esta atividade foi dado ao grupo de crianças uma ficha de consolidação de conhecimentos (proposta pela educadora cooperante) em que estas teriam de fazer o seu autorretrato.



Ainda para trabalhar esta temática propusemos às crianças a medição de cada criança para a construção de um gráfico de barras sobre as alturas. Após a construção do gráfico as crianças analisaram e identificaram qual a criança mais alta e a criança mais pequena. Para reforçar o conhecimento relativamente ao mais alto e mais baixo (maior e pequeno) utilizámos objetos reais para que o grupo de crianças pudesse identificar. Como demonstra as ilustrações seguintes:

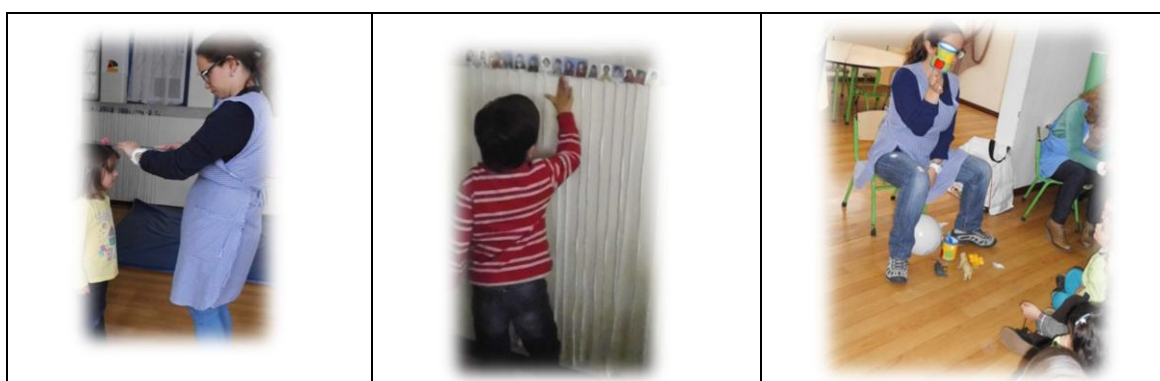


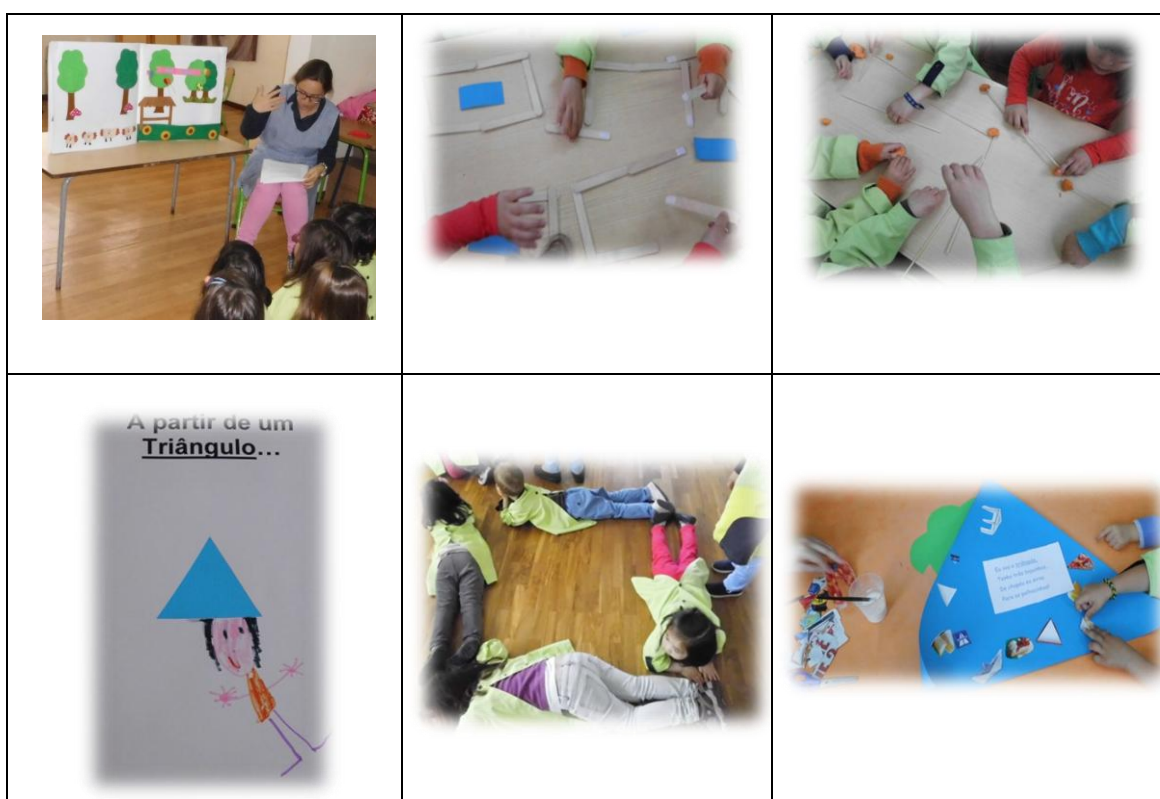
Figura n.º 10- atividades para demonstrar as diferenças do Ser Humano

Como proposta da educadora cooperante realizou-se com o grupo uma ficha de consolidação de conhecimentos. Após estas atividades a educadora cooperante sugeriu que apresentássemos umas fichas de consolidação de conhecimentos sobre

este tema. No decorrer destas atividades conseguimos promover a transversalidade das várias áreas de conteúdo existentes.

Anexo C

As figuras n.º11 ilustram para o tema as Figuras Geométricas. Para este tema tivemos o cuidado de utilizar vários recursos para poder trabalhar com as crianças a identificação das figuras geométricas, classificar quanto ao número de vértices e arestas. Para tal tivemos o cuidado de utilizar histórias que abordassem as figuras geométricas, além da história utilizamos poemas sobre cada uma das figuras, existindo assim a transversalidade das áreas de conteúdo o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita com o domínio da matemática.



Ainda neste tema para dar continuidade aos poemas, utilizámos cartolinas com as respetivas formas para que as crianças identificassem recortes de imagens reais com a figura da respetiva cartolina. Desta forma existiu transversalidade dos domínios da matemática, dos domínios da expressão plástica e dos domínios da linguagem e abordagem à escrita. Utilizamos a expressão motora, de modo a trabalhar as figuras geométricas de uma forma divertida. As crianças estavam divididas em pequenos grupos e cada grupo tinha de construir as figuras geométricas com o corpo, sendo que existia uma criança do grupo que teria de ser a organizadora, dando as indicações às restantes crianças. Desta forma existiu transversalidade nos domínios da matemática com a expressão motora.

Anexo D - Guião da entrevista.

Blocos	Objetivos	Questões	Questões secundárias
Bloco I	<ul style="list-style-type: none"> Enquadramento da investigação Agradecimentos 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação breve do estudo. Garantia da confidencialidade. 	
Bloco II	<ul style="list-style-type: none"> Recolher dados da identificação 	<ol style="list-style-type: none"> Idade. Formação (área e nível de formação). Anos de serviço. Contexto educativo (creche/pré-escolar) 	
Bloco III	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer a conceção acerca da agressividade 	<ol style="list-style-type: none"> O que são para si comportamentos agressivos? Considera que esses comportamentos podem manifestar-se nas crianças em idade pré-escolar ? Na sua perspetiva existe(m) algum motivo(os) para que uma criança manifeste comportamentos agressivos? Na sua perspetiva, existe alguma idade na criança em que o comportamento agressivo possa ser entendido como uma conduta “adaptativa”? Ou seja, em que o comportamento agressiva desempenhe alguma função? 	<p>2.1. Se sim, que exemplos de comportamentos agressivos me pode indicar nestas idades?</p> <p>3.1.Quais?</p>
Bloco IV	<ul style="list-style-type: none"> Identificação de causas/fatores que estejam associados ou 	<ol style="list-style-type: none"> Quais as causas que considera que se podem encontrar associadas à manifestação de comportamentos agressivos? 	

	que desencadeiem comportamentos agressivos.	2. Que situações podem desencadear estes comportamentos nas crianças?	
Bloco V	<ul style="list-style-type: none"> Identificação de estratégias de prevenção e de intervenção face aos comportamentos agressivos 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Enquanto educadora de infância, como considera que deve reagir quando se depara com a manifestação de comportamentos agressivos por parte das suas crianças? 2. Já passou por alguma situação em que uma criança tenha manifestado comportamentos agressivos? 3. Como atuou com essa criança nessa(a) situação(ões) em concreto? 4. Na sua perspetiva, quais as estratégias de intervenção que se devem implementar perante a manifestação de comportamentos agressivos? 5. Ao longo da sua prática, que estratégias tem utilizado para prevenir a manifestação de comportamentos agressivos ? 	<p>a. Considera essa(s) reações como as mais adequadas? Em que medida?</p> <p>2.1 Pode exemplificar?</p> <p>3.1 Considera que a sua ação foi a mais adequada? Qual foi o resultado?</p>

Anexo E - Questões da entrevista



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação de Santarém
Mestrado em Educação Pré-Escolar



O presente questionário destina-se a recolher informação que irá incorporar um trabalho investigativo sobre agressividade no Jardim de Infância, realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém. Agradeço que responda a todas as questões com sinceridade, pois a sua opinião é muito importante. Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais. Agradecemos a sua generosa colaboração, o tempo que disponibilizou e o valioso contributo que deu para este trabalho.

1. Qual a sua idade?
2. Qual a sua área de formação?
3. Quantos anos tem de serviço?
4. Em que contexto se encontra a exercer funções?
5. O que são para si comportamentos agressivos?
6. Considera que esses comportamentos podem manifestar-se nas crianças em idade pré-escolar?
 - 6.1 Se sim, que exemplos de comportamentos agressivos me pode indicar nestas idades?
7. Na sua perspetiva existe (m) algum motivos (os) para que uma criança manifeste comportamentos agressivos?
 - 7.1 Quais?
8. Na sua perspetiva, existe alguma idade na criança em que o comportamento agressivo possa ser entendido como uma conduta “adaptativa”? Ou seja, em que o comportamento agressivo desempenhe alguma função?
9. Quais as causas que considera que se podem encontrar associadas à manifestação de comportamentos agressivos?
10. Que situações podem desencadear estes comportamentos nas crianças?
11. Enquanto educadora de infância, como considera que deve reagir quando se depara com a manifestação de comportamentos agressivos por parte das suas crianças?
 - 11.1 Considera essa(s) reações como as mais adequadas? Em que medida?

12. Já passou por alguma situação em que uma criança tenha manifestado comportamentos agressivos?

12.1 Pode exemplificar?

13. Como atuou com essa criança nessa(a) situação(ões) em concreto?

13.1 Considera que a sua ação foi a mais adequada? Qual foi o resultado?

14. Na sua perspetiva, quais as estratégias de intervenção que se devem implementar perante a manifestação de comportamentos agressivos?

15. Ao longo da sua prática, que estratégias tem utilizado para prevenir a manifestação de comportamentos agressivos?

Anexo F- Transcrições das entrevistas

Entrevista n.º 1 Educadora A

Saudações: Bom dia. Primeiro que tudo queria agradecer-lhe a disponibilidade para responder às minhas questões que estão inseridas na entrevista e explicar-lhe que a entrevista vai ser gravada, mas está garantida a confidencialidade dos seus dados. O objetivo deste estudo é perceber as suas vivências enquanto educadora, relativamente à agressividade infantil.

Pergunta n.º 1: Qual a sua idade?

Resposta: 27 anos

Pergunta n.º 2: Qual a sua área de formação?

Resposta: Educação de Infância e ensino do 1º ciclo do ensino básico.

Pergunta n.º 3: Quantos anos tem de serviço?

Resposta: Cinco anos de serviço

Pergunta n.º 4: Em que contexto se encontra a exercer funções?

Resposta: Encontro-me em creche, mais especificamente numa salinha de dois anos.

Pergunta n.º 5: O que são para si comportamentos agressivos?

Resposta: Bem, comportamentos agressivos... talvez o modo como a criança, em estado de frustração, tenta expulsar esse sentimento de alguma forma.. forma essa que não é muito fácil de se enumerar porque depende de muitas coisas, de muitas situações.. porque não vamos dizer que a criança está a ter um comportamento agressivo quando simplesmente esta se está a defender de alguém que a tenha magoado.. mas vá, como agressivo.. talvez as mordidelas, os puxões de cabelos, empurrões, beliscões, atirar brinquedos intencionalmente, bater aos colegas e aos adultos, dar pontapés nas cadeiras e nas mesas...

Pergunta n.º 6: Considera que esses comportamentos podem manifestar-se nas crianças em idade pré-escolar?

Resposta: Obviamente que sim, até em contexto de creche podem ser visíveis esses comportamentos.

Pergunta n.º 6.1: Se sim, que exemplos de comportamentos agressivos me pode indicar nestas idades?

Resposta: Então tal como disse numa questão anterior, os puxões de cabelo, empurrões, arranhões, pontapés e murros, beliscões...

Pergunta n.º 7: Na sua perspetiva existe (m) algum motivos (os) para que uma criança manifeste comportamentos agressivos?

Resposta: Claro.

Pergunta n.º 7.1: Quais?

Resposta: Serem irmãos mais novos e sentem a diferença no seio familiar, ambiente familiar agressivo (violência doméstica, discussão sucessiva em casa), falta de regras, falta de atenção e carinho, discriminação...

Pergunta n.º 8: Na sua perspetiva, existe alguma idade na criança em que o comportamento agressivo possa ser entendido como uma conduta “adaptativa”? Ou seja, em que o comportamento agressivo desempenhe alguma função?

Resposta: O bater numa disputa de brinquedos quando estão em idades mais pequenas desenvolvendo a noção de partilha; quando mexem no que é deles, invadem o seu espaço; quando é gozada ou que lhe batem vezes sucessivas e tem de se defender; quando são mais pequeninos e mordem, como estão em processo de desenvolvimento da fase oral...

Pergunta n.º 9: Quais as causas que considera que se podem encontrar associadas à manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: Sim, tal como já tinha respondido.... A não compreensão pelos outros, ao se sentirem frustrados vão ter de se manifestar de alguma forma.. as famílias, os exemplos, a falta de atenção, de carinho...

Pergunta n.º 10: Que situações podem desencadear estes comportamentos nas crianças?

Resposta: Ver agressividade em casa, sofrer maus tratos, a frustração por não ser compreendido, sentir a diferença...

Pergunta n.º 11: Enquanto educadora de infância, como considera que deve reagir quando se depara com a manifestação de comportamentos agressivos por parte das suas crianças?

Resposta: Depende da situação...temos de pensar como é que essa criança está habituada a ver a resolução de problemas em casa, porque se esta vê que, quando tem irmãos é sempre o mesmo que fica de castigo, ou que em casa ralham com a criança batendo-lhe ou ralhando com ele de forma mais bruta, agressiva.. temos de ter esses fatores em conta... imaginemos que a criança bateu noutra porque algum colega lhe tirou um brinquedo, se está habituado a resolver as coisas assim, como educadora irei ter uma abordagem totalmente contrária, vou falar com ele calmamente, fazendo-lhe ver que não é preciso bater, que se pode resolver as coisas de outra forma. Pessoalmente não sou apologista do castigo, penso que não é assim que as crianças vão perceber que erraram ou o que é que fizeram errado ou até se fizeram algo de errado. Tentar ouvir as crianças, a versão delas é um ponto chave.. porque só assim

conseguimos perceber o porquê das suas reações e comportamentos e encontrar a melhor maneira de intervir junto delas.

Pergunta n.º 11.1: Considera essa(s) reações como as mais adequadas? Em que medida?

Resposta: Sim, porque tal como referi anteriormente, só assim saberei o que aconteceu, como aconteceu e como a criança se sentiu para ter feito o que fez (qualquer que tenha sido o seu comportamento) e como poderei intervir junto dela.

Pergunta n.º 12: Já passou por alguma situação em que uma criança tenha manifestado comportamentos agressivos?

Resposta: Sim.

Pergunta n.º 12.1: Pode exemplificar?

Resposta: a criança (4anos caso de violência domestica) estava a desenhar, e essa criança não queria fazer os desenhos e eu repreendi-o e ao repreende-lo ela demonstrou agressividade por estar a ser contrariado. Beliscou-me e empurrou-me.

Pergunta n.º 13: Como atuou com essa criança nessa(a) situação(ões) em concreto?

Resposta: Inicialmente fiquei um pouco perplexa.. mas depois parei a olhar para ela, com firmeza e pedi que ela olhasse para mim. Quando ela fixou o olhar no meu, perguntei-lhe se eu lhe tinha feito mal para ela me estar a fazer mal a mim. Ela foi acalmando e percebi que ela estava a cair em si e a dar-se conta que tinha agido mal.

Pergunta n.º 13.1: Considera que a sua ação foi a mais adequada? Qual foi o resultado?

Resposta: sim eu penso que sim, porque ele depois percebeu que tinha feito mal.. e veio ter comigo para que o desculpasse.

Pergunta n.º 14: Na sua perspetiva, quais as estratégias de intervenção que se devem implementar perante a manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: A meu ver, o essencial é a conversa. Para perceber o porquê das situações e também para a criança perceber o porque não fazer daquela forma.

Pergunta n.º15: Ao longo da sua prática, que estratégias tem utilizado para prevenir a manifestação de comportamentos agressivos ?

Resposta: Dando atenção à criança, percebendo o ambiente em meio familiar, em certos casos abordando as famílias, dialogar diariamente para que a criança consiga separar o que é bom e o mau e ela própria encontre uma melhor forma de reagir perante os obstáculos, problemas, desafios do dia a dia.

Agradecimentos: Mais uma vez obrigada, pela tua disponibilidade em responder as minhas questões e peço desculpa pelo o tempo de duração no que diz respeito à realização da entrevista.

Entrevista n.º2 Educadora B

Saudações: Bom dia. Primeiro que tudo queria agradecer-lhe a disponibilidade para responder às minhas questões que estão inseridas na entrevista e explicar-lhe que a entrevista vai ser gravada, mas está garantida a confidencialidade dos seus dados. O objetivo deste estudo é perceber as suas vivências enquanto educadora, relativamente à agressividade infantil.

Pergunta n.º 1: Qual a sua idade?

Resposta: (sorrisos).30 anos.

Pergunta n.º 2: Qual a sua área de formação?

Resposta: Tenho a Licenciatura em Educação de Infância.

Pergunta n.º 3: Quantos anos tem de serviço?

Resposta: Bem... (pausa), deixa-me fazer contas. ...(pausa) tenho 6 anos de serviço.

Pergunta n.º 4: Em que contexto se encontra a exercer funções?

Resposta: Eu neste momento estou na Creche.

Pergunta n.º5:O que são para si comportamentos agressivos?

Resposta: Para mim, comportamentos agressivos são: todos aqueles que transmitam o total descontrolo da criança, seja físico ou verbal perante situações diversas. Lidar com a frustração, é uma delas.

Pergunta n.º6: Considera que esses comportamentos podem manifestar-se nas crianças em idade pré-escolar?

Resposta: Ah sim! Sem dúvida.

Pergunta n.º 6.1: Se sim, que exemplos de comportamentos agressivos me pode indicar nestas idades?

Resposta: Bem exemplos ...(pausa),Bater, utilizando o corpo ou algum objeto, com a intenção de magoar o outro. Ou, (2 vezes) verbalizar frases como ...(pausa)“Não brinco contigo, porque és gordo”, sabendo que isso vai despoletar o choro na criança a quem a frase foi dirigida.

Pergunta n.º 7: Na sua perspetiva existe (m) algum motivos (os) para que uma criança manifeste comportamentos agressivos?

Resposta: Sim.

Pergunta n.º 7.1: Quais?

Resposta: Quais!? Então a insegurança da própria criança pode fazer com que esta, sabendo que utilizando a força corporal ou a força das palavras, tem aquilo que quer. O excesso de confiança e autoestima pode ter exatamente o mesmo efeito, sendo que são crianças que, normalmente, não lidam bem com a frustração nem com o “não”.

Pergunta n.º 8: Na sua perspectiva, existe alguma idade na criança em que o comportamento agressivo possa ser entendido como uma conduta “adaptativa”? Ou seja, em que o comportamento agressivo desempenhe alguma função?

Resposta: Claro que não. Pois a função é, quase sempre, para a criança atingir um objetivo: aquilo que quer.

Pergunta n.º 9: Quais as causas que considera que se podem encontrar associadas à manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: As causas são a insegurança, autoestima demasiado elevada, dificuldade em lidar com a frustração, exemplos de agressões no ambiente familiar.

Pergunta n.º 10: Que situações podem desencadear estes comportamentos nas crianças?

Resposta: Por exemplo, não conseguirem atingir o seu objetivo: fazer aquilo que querem, ou terem algo para si.

Pergunta n.º 11: Enquanto educadora de infância, como considera que deve reagir quando se depara com a manifestação de comportamentos agressivos por parte das suas crianças?

Resposta: Começar sempre com uma conversa, com a criança, sem a expor ao restante grupo. Pedir ajuda a profissionais especializados, caso seja necessário. Conversar também com os responsáveis parentais.

Pergunta n.º 11.1: Considera essa(s) reações como as mais adequadas? Em que medida?

Resposta: Sim, porque os comportamentos agressivos são algo a extinguir e quanto mais depressa se fizer alguma coisa, no sentido de ajudar a criança, mais depressa se conseguirá contornar a situação.

Pergunta n.º 12: Já passou por alguma situação em que uma criança tenha manifestado comportamentos agressivos?

Resposta: Diversas.

Pergunta n.º 12.1: Pode exemplificar?

Resposta: Lembro-me como se fosse hoje. Estava no refeitório numa mesa redonda, com oito crianças de cinco anos a almoçar, há uma criança (X) que costuma mostrar comportamentos menos adequados, que faz uma afirmação. A outra criança (Y)

discorda com a mesma, mostrando o seu ponto de vista. Imediatamente, o (X) se levanta, bate na (Y) utilizando a sua força de modo a que a outra criança entorne os pratos que tinha à frente. Não satisfeito, agarra-lhe no cabelo com tanta força, que foram precisos três adultos para segurar no (X) e abrir-lhe os dedos da mão que estava a segurar o cabelo. Ao fim de alguns minutos, conseguiram, mas a mão vinha com um tufo enorme de cabelos.

Pergunta n.º 13: Como atuou com essa criança nessa(a) situação(ões) em concreto?

Resposta: Nesta situação concreta, agi com rapidez e apesar de estar a forçar o (X) e a abrir-lhe os dedos, tentei sempre conversar, calmamente, com a (Y), de maneira a que ela não ficasse demasiado assustada com a situação.

Pergunta n.º 13.1: Considera que a sua ação foi a mais adequada? Qual foi o resultado?

Resposta: O (X), depois de algum tempo, acalmou-se, pediu desculpa à (Y) e, sozinho, conversou com o adulto.

Pergunta n.º 14: Na sua perspetiva, quais as estratégias de intervenção que se devem implementar perante a manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: As que nomeei anteriormente, sendo a conversa individual com a criança, o primeiro passo. No entanto, os responsáveis parentais devem estar sensibilizados com a situação para, no caso de ser preciso outro tipo de ajuda, a mesma ser em concordância com todas as partes.

Pergunta n.º15: Ao longo da sua prática, que estratégias tem utilizado para prevenir a manifestação de comportamentos agressivos ?

Resposta: A conversa com as crianças, os exemplos de carinho, afeto e atenção, são as principais práticas.

Agradecimentos: Mais uma vez obrigada, pela tua disponibilidade em responder às minhas questões e peço desculpa pelo o tempo de duração no que diz respeito à realização da entrevista.

Entrevista n.º 3 Educadora C

Saudações: Boa tarde. Primeiro que tudo queria agradecer-lhe a disponibilidade para responder às minhas questões que estão inseridas na entrevista e explicar-lhe que a entrevista vai ser gravada, mas está garantida a confidencialidade

dos seus dados. O objetivo deste estudo é perceber as suas vivências enquanto educadora, relativamente à agressividade infantil.

Pergunta n.º 1: Qual a sua idade?

Resposta: Tenho 34 anos.

Pergunta n.º 2: Qual a sua área de formação?

Resposta: Sou formada em educação de infância.

Pergunta n.º 3: Quantos anos tem de serviço?

Resposta: Já lá vão 11 anos.

Pergunta n.º 4: Em que contexto se encontra a exercer funções?

Resposta: Neste ano letivo "tô" na creche. "Tô" numa sala de 2 anos.

Pergunta n.º 5: O que são para si comportamentos agressivos?

Resposta: Considero comportamentos agressivos, todas as, as atitudes que saem dos parâmetros de desenvolvimento dentro de cada faixa etária. "Pa" ser mais clara, o comportamento agressivo na minha perspetiva é aquele em que a criança excede os limites, desafiando o adulto com atitudes menos adequadas, como bater ao adulto ou pares, dizer palavras socialmente menos adequadas dirigindo-se ao adulto, como aos pares.

Pergunta n.º 6: Considera que esses comportamentos podem manifestar-se nas crianças em idade pré-escolar?

Resposta: Sim, claro que sim. Em idade pré-escolar a criança já deve ter adquirido a noção de comportamentos, atitudes. atitudes corretas e menos corretas e desta forma evitar o que não se deve fazer.

Pergunta n.º 6.1: Se sim, que exemplos de comportamentos agressivos me pode indicar nestas idades?

Resposta: Pensando assim muito rapidamente ...(pausa). A, agredir os pares sem motivo aparente, agredir os adultos em situação de contrariedade ou frustração.

Pergunta n.º 7: Na sua perspetiva existe (m) algum motivos (os) para que uma criança manifeste comportamentos agressivos?

Resposta: sim, acho que por detrás desses comportamentos está sempre uma razão, aah, seja ela no âmbito familiar, insegurança da criança e por isso necessidade em afirmar-se ou até mesmo autoestima elevada e, e por isso dificuldade em lidar com a frustração.

Pergunta n.º 8: Na sua perspetiva, existe alguma idade na criança em que o comportamento agressivo possa ser entendido como uma conduta

“adaptativa”? Ou seja, em que o comportamento agressivo desempenhe alguma função?

Resposta: Sim, quando a criança começa a levantar a mão ao adulto testando os seus limites e estes muitas vezes acham graça em vez de chamar a atenção e fazê-las ver que é uma atitude errada.

Pergunta n.º 9: Quais as causas que considera que se podem encontrar associadas à manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: As causas? As causas podem ser a necessidade de chamar a atenção, autoestima baixa, dificuldade em lidar com a frustração, aah, (2 vezes) necessidade de regras e, e limite “pa” encontrar o seu próprio “eu”.

Pergunta n.º 10: Que situações podem desencadear estes comportamentos nas crianças?

Resposta: Parece que me vou repetir, mas ...(pausa) é o que eu acho em relação este tema. Então situações de conflito com os pares e com os adultos. Situações em que a criança tem de lidar com a frustração.

Pergunta n.º 11: Enquanto educadora de infância, como considera que deve reagir quando se depara com a manifestação de comportamentos agressivos por parte das suas crianças?

Resposta: Então ... (pausa), numa situação de manifestação de comportamentos agressivos deve-se manter a calma e não entrara em conflito com o agressor. Fazê-lo parar olhando nos seus olhos impedindo-a de ser agressiva. Não valorizar muito o comportamento no momento, “pa” que a criança não sinta que é motivo de atenção sempre que provoca uma situação destas. Conversar com a criança calmamente e tentar perceber as suas razões.

Pergunta n.º 11.1: Considera essa(s) reações como as mais adequadas? Em que medida?

Resposta: sim, pois não devemos entrar em conflito com a criança uma vez que não vai resolver nada e pelo contrário vai enervar mais a criança. Contudo não deixa de ser necessário uma chamada de atenção “pa” que perceba que não pode voltar a fazê-lo. **Como a chamou a atenção?** Como? Aah, chamar a criança num tom mais alto e de certa forma autoritário no sentido de reprovação da atitude.

Pergunta n.º 12: Já passou por alguma situação em que uma criança tenha manifestado comportamentos agressivos?

Resposta: sim algumas.

Pergunta n.º 12.1: Pode exemplificar?

Resposta: como exemplo posso referir o fato da criança fazer a tentativa de agressão ao adulto com uma cadeira.

Pergunta n.º 13: Como atuou com essa criança nessa(a) situação(ões) em concreto?

Resposta: impedi, segurando a cadeira e depois da criança se acalmar (enquanto isso ignorei a birra) mantive uma conversa com ela, fazendo-a ver que o que aconteceu não pode voltar a acontecer.

Pergunta n.º 13.1: Considera que a sua ação foi a mais adequada? Qual foi o resultado?

Resposta: julgo que sim, uma vez que a criança acalmou e permitiu que eu conversasse com ela. Tenho a sensação de que tem funcionado. Espero não estar enganada, “né”? Mas não voltou a repetir o mesmo ato? Não (2vezes), embora numa próxima situação ainda se dirigiu à cadeira, mas de repente olhou para mim e recuou. Penso que(eee) a criança tenha recordado a situação que viveu da outra vez.

Pergunta n.º15: Ao longo da sua prática, que estratégias tem utilizado para prevenir a manifestação de comportamentos agressivos ?

Resposta: É importante desde que iniciamos a relação com um novo grupo fazê-los entender quem é a autoridade. **Esta a falar de autoridade? Que tipo de autoridade, não compreendi?** Sim, autoridade como figura de respeito.Com isto, quero dizer, que...(pausa) não podemos deixar passar comportamentos menos adequados (mesmo que sejam de pouca importância) sem chamar a atenção e relembrar como agir adequadamente. Ser coerente com a imposição de regras e limites, também é um fator de extrema importância. Desta forma a criança vai se sentir num ambiente seguro. Estar presente nas brincadeiras das crianças “pa” que eles sintam e vejam em mim uma autoridade, mas também uma “amiga” e desta forma tentar desviar os comportamentos que possam dar origem à agressividade.

Agradecimentos: Mais uma vez obrigada, pela sua disponibilidade em responder às minhas questões e peço desculpa pelo o tempo de duração no que diz respeito à realização da entrevista.

Entrevista n.º 4Educadora D

Saudações: Boa tarde. Primeiro que tudo queria agradecer-lhe a disponibilidade para responder às minhas questões que estão inseridas na entrevista e explicar-lhe que a entrevista vai ser gravada, mas está garantida a confidencialidade

dos seus dados. O objetivo deste estudo é perceber as suas vivências enquanto educadora, relativamente à agressividade infantil.

Pergunta n.º 1: Qual a sua idade?

Resposta: já são 39 anos.

Pergunta n.º 2: Qual a sua área de formação?

Resposta: A minha formação é em Educação de Infância.

Pergunta n.º 3: Quantos anos tem de serviço?

Resposta: Ainda são só 5 aninhos.

Pergunta n.º 4: Em que contexto se encontra a exercer funções?

Resposta: No Pré-escolar.

Pergunta n.º 5: O que são para si comportamentos agressivos?

Resposta: Bem, na minha perspetiva comportamentos agressivos são quando(o) as crianças demonstram com frequência alguma agressividade para com os seus pares e em casos extremos com os adultos.

Pergunta n.º 6: Considera que esses comportamentos podem manifestar-se nas crianças em idade pré-escolar?

Resposta: sim.

Pergunta n.º 6.1: Se sim, que exemplos de comportamentos agressivos me pode indicar nestas idades?

Resposta: Aah, (2 vezes), quando as crianças batem com frequência nos seus pares é em casos extremos nos adultos. E (2 vezes) quando não respeitam as regras da sala ou as regras de convivência em geral e reagem de forma brusca quando são contrariadas.

Pergunta n.º 7: Na sua perspetiva existe (m) algum motivos (os) para que uma criança manifeste comportamentos agressivos?

Resposta: Na minha perspetiva acho que sim.

Pergunta n.º 7.1: Quais?

Resposta: bem ... (pausa)acho que na grande maioria dos casos estão relacionados com a educação que lhes é dada pelos pais. Aah, porque existem algumas crianças que podem estar habituadas a assistir ou, mesmo serem vítimas de algum tipo de agressão. Noutros casos como não tão habituadas a serem contrariadas fazem o que querem sem regras, quando estas lhes são impostas manifestam-se com comportamentos mais agressivos.

Pergunta n.º 8: Na sua perspetiva, existe alguma idade na criança em que o comportamento agressivo possa ser entendido como uma conduta

“adaptativa”? Ou seja, em que o comportamento agressiva desempenhe alguma função?

Resposta: sim, existe. Quando se defende de algum amigo que tenha para com ela sucessivos comportamentos agressivos. **E aqui? O seu comportamento é desculpado? Ou também é repreendido?** Bem ... (pausa) existirá sempre uma conversa sobre a situação que explique que não é correto ter comportamentos agressivos e (2 vezes) que estes não resolvem qualquer situação. Como

Pergunta n.º 11: Enquanto educadora de infância, como considera que deve reagir quando se depara com a manifestação de comportamentos agressivos por parte das suas crianças?

Resposta: bem, eu costumo conversar com a criança sobre a situação que ocorreu.

Pergunta n.º 11.1: Considera essa(s) reações como as mais adequadas? Em que medida?

Resposta: Se considero essas reações como mais adequadas? Sim, acho que sim. Em que medida foi o que me perguntas-te? **Sim foi.** Então(oo) dou tempo à criança para se acalmar e pensar na situação ocorrida.

Pergunta n.º 12: Já passou por alguma situação em que uma criança tenha manifestado comportamentos agressivos?

Resposta: sim já. Já (2 vezes)

Pergunta n.º 12.1: Pode exemplificar?

Resposta: Então, a criança numa situação em que tinha que respeitar determinada regra levantou-me a mão e bateu-me.

Pergunta n.º 13: Como atuou com essa criança nessa(a) situação(ões) em concreto?

Resposta: bem a forma como atuei foi, sentá-la numa cadeira durante alguns instantes e posteriormente conversei com ela sobre a situação ocorrida.

Pergunta n.º 13.1: Considera que a sua ação foi a mais adequada? Qual foi o resultado?

Resposta: Se considero o que fiz foi o mais adequado!? Eu penso que sim. Pelo menos a criança acalmou-se e posteriormente consegui-mos conversar. **E não voltou a repetir?** E não voltou a repetir como assim? **Se não voltou a repetir o ato de levantar a mão e bater?** Ah, não, nunca mais repetiu,

Pergunta n.º 14: Na sua perspetiva, quais as estratégias de intervenção que se devem implementar perante a manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: As minhas estratégias é (2 vezes) deixar que a criança se acalme, conversar com ela sobre a situação e tentar que ela se ponha no lugar da criança para quem teve esse tipo de comportamentos.

Pergunta n.º15: Ao longo da sua prática, que estratégias tem utilizado para prevenir a manifestação de comportamentos agressivos ?

Resposta: Estratégias outra vez!? **Sim, mas estas são de prevenção.** Então implemento jogos a pares que promovam a cooperação e interajuda. **Pode exemplificar?** Sim posso, aaah, jogos em que as crianças tenham que fazer algum exercício, atividade a dois, tipo ...(pausa) jogos de equilíbrio, de(ee) obstáculos de equipa r da apanha por exemplo.

Agradecimentos: Mais uma vez obrigada, pela sua disponibilidade em responder às minhas questões e peço desculpa pelo o tempo de duração no que diz respeito à realização da entrevista.

Entrevista n.º 5 Educadora E

Saudações: Boa tarde. Primeiro que tudo queria agradecer-lhe a disponibilidade para responder às minhas questões que estão inseridas na entrevista e explicar-lhe que a entrevista vai ser gravada, mas está garantida a confidencialidade dos seus dados. O objetivo deste estudo é perceber as suas vivências enquanto educadora, relativamente à agressividade infantil.

Pergunta n.º 1: Qual a sua idade?

Resposta: 30 anos.

Pergunta n.º 2: Qual a sua área de formação?

Resposta: Educação de Infância.

Pergunta n.º 3: Quantos anos tem de serviço?

Resposta: 8 anos.

Pergunta n.º 4: Em que contexto se encontra a exercer funções?

Resposta: Funções de Educadora de Infância numa IPSS. **E está em que valência neste momento?** Pré-escolar, desculpa não percebi que querias saber em que sala estava.

Pergunta n.º5: O que são para si comportamentos agressivos?

Resposta: hum(mm), as expressões de agressividade nas crianças assumem várias formas: choram, fazem birras, mordem, dão pontapé ...(pausa) Do ponto de vista emocional podem chamar mais atenção outro tipo de comportamentos que evidenciam

agressividade, como não respeitar as regras, não obedecer a ordens simples ou até mesmo complexas, entre outras. Não obstante, este tipo de irritações é inevitável para um ser que está no auge do seu desenvolvimento. Terá de haver uma persistência de regras e alertas para perceber o que está dentro e fora dos limites.

Pergunta n.º6: Considera que esses comportamentos podem manifestar-se nas crianças em idade pré-escolar?

Resposta: absolutamente ...(pausa) no entanto reforço que é sempre necessária uma apreciação rigorosa para chegar a essa conclusão. **A que tipo de apreciação se refere?** Que tipo? Então ...(pausa) é necessária a observação de várias situações, fazer um registo sistemático escrito, fazer relatórios e traçar estratégias eficazes (em colaboração com os pais).

Pergunta n.º 6.1: Se sim, que exemplos de comportamentos agressivos me pode indicar nestas idades?

Resposta: alguns padrões de comportamento denunciam se uma criança tem episódios agressivos e se são recorrentes. Por exemplo ...(pausa) atirar objetos do tipo brinquedos, cadeiras, mesas, com intenção, afirmar-se para o adulto com expressões negativas e atos desadequados como deitar a língua de fora cuspir, levantar a mão e ser agressivo com os amigos batendo, empurrando, dizendo asneiras.

Pergunta n.º 7: Na sua perspetiva existe (m) algum motivos (os) para que uma criança manifeste comportamentos agressivos?

Resposta: os comportamentos agressivos podem ser de várias ordens ou natureza, pelo que é muito importante a ponderação. Fatores familiares, intelectuais ou sociais podem muito bem estar relacionados. A criança pode estar numa fase instável que comprometa o seu bem estar emocional e naturalmente se reflete negativamente no seu dia a dia. Pode também estar associada alguma patologia que afete o seu comportamento e dificulte o respeito pelo aceitável e o correto.

Pergunta n.º 7.1: Quais?

Resposta: penso que fatores sociais e biológicos podem estar na origem desta problemática. **Pode exemplificar?** Sim posso, aah reforça a ideia, fatores biológicos, ou seja patologia ou desvio de personalidade e ...(pausa) e fatores sociais instabilidade familiar.

Pergunta n.º 8: Na sua perspetiva, existe alguma idade na criança em que o comportamento agressivo possa ser entendido como uma conduta “adaptativa”? Ou seja, em que o comportamento agressivo desempenhe alguma função?

Resposta: não concordo com a questão, no entanto, chamamos de conduta adaptativa algumas birras (2 aos 4 anos). Comportamentos agressivos estão num outro patamar e exigem uma apreciação mais profunda por parte do responsável da criança, quer familiar quer escolar. **Porque não concorda?** Aah se calhar não me fiz explicar, eu não concordo com a formulação da questão, pois aah variável idade só por si não constitui uma razão.

Pergunta n.º 9: Quais as causas que considera que se podem encontrar associadas à manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: maus comportamentos podem ser causados por falta de valores, apoio familiar, conduta dos elementos educativos ou também algum distúrbio comportamental (espetro do autismo por exemplo).

Pergunta n.º 10: Que situações podem desencadear estes comportamentos nas crianças?

Resposta: Uma disputa de objetos, brinquedos, aah revolta por falta de atenção e afeto. Quando(ooo) a criança é contrariada pelo adulto, quando (2vezes) não vê as suas necessidades e desejos concretizados.

Pergunta n.º 11: Enquanto educadora de infância, como considera que deve reagir quando se depara com a manifestação de comportamentos agressivos por parte das suas crianças?

Resposta: existem várias abordagens enquanto profissional de educação: aah abordagem coletiva em que chamo atenção do grupo de crianças e(ee) abordagem individual em que chamo a atenção da criança em particular.

Pergunta n.º 11.1: Considera essa(s) reações como as mais adequadas? Em que medida?

Resposta: considero que cada situação tem de ser vista à luz da realidade do grupo e do contexto.

Pergunta n.º 12: Já passou por alguma situação em que uma criança tenha manifestado comportamentos agressivos?

Resposta: Frequentemente. Enquanto educadora encontro várias situações diárias que ilustram essa situação: não lidar com a frustração por não ter um brinquedo e então atira tudo o que está ao seu alcance para o chão, magoar os amigos com intenção e constantemente, desrespeitar os pais levantando a mão por várias vezes.

Pergunta n.º 13: Como atuou com essa criança nessa(a) situação(ões) em concreto?

Resposta: hum(mm), habitualmente tento falar com calma, dando espaço e tempo à criança para se restabelecer do incidente. Também funciona chamar à razão e pedir a sua colaboração para uma tarefa.

Pergunta n.º 13.1: Considera que a sua ação foi a mais adequada? Qual foi o resultado?

Resposta: sim, o resultado é relativo ...(pausa) Desde que acalma a criança e que a faça pensar no que fez de errado é um bom indicador de correção.

Pergunta n.º 14: Na sua perspetiva, quais as estratégias de intervenção que se devem implementar perante a manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: as estratégias de intervenção passam(am) pela adoção de regras bem definidas, conversas sobre as rotinas e correção de comportamentos desadequados com chamadas de atenção ou “castigos” moderados (ficar algum tempo sem brincar, ficar algum tempo a pensar, pedir desculpa aos intervenientes).

Pergunta n.º15: Ao longo da sua prática, que estratégias tem utilizado para prevenir a manifestação de comportamentos agressivos ?

Resposta: prevenção passa pelo reforço das regras, pelo reforço de bons comportamentos e pela prática de exemplos significativos (que sirvam de modelo à criança)

Agradecimentos: Mais uma vez obrigada, pela sua disponibilidade em responder às minhas questões e peço desculpa pelo o tempo de duração no que diz respeito à realização da entrevista.

Entrevista n.º 6 educadora F

Saudações: Bom dia. Primeiro que tudo queria agradecer-lhe a disponibilidade para responder às minhas questões que estão inseridas na entrevista e explicar-lhe que a entrevista vai ser gravada, mas está garantida a confidencialidade dos seus dados. O objetivo deste estudo é perceber as suas vivências enquanto educadora, relativamente à agressividade infantil.

Pergunta n.º 1: Qual a sua idade?

Resposta: Bem essa pergunta não se faz a uma senhora (sorrisos)38 anos

Pergunta n.º 2: Qual a sua área de formação?

Resposta: Educação de infância, licenciatura

Pergunta n.º 3: Quantos anos tem de serviço?

Resposta: (sorriso)15 anos feitos este ano em setembro.

Pergunta n.º 4: Em que contexto se encontra a exercer funções?

Resposta: Pré-escolar

Pergunta n.º5: O que são para si comportamentos agressivos?

Resposta: Ora bem, na minha opinião, por vezes, as crianças apresentam comportamentos agressivos numa situação de autodefesa, por exemplo numa disputa de brinquedos/objetos pretendidos que gera situações de conflitos. Quando querem atenção do adulto por vezes, de forma provocatória têm comportamentos agressivos com outras crianças. No entanto... (pausa) penso que comportamentos agressivos são quando as crianças têm intenção de magoar e sabem que magoam. A forma como são educadas em casa pode ser o motivo, causa de tais comportamentos. Para mim a agressividade nas crianças pode ter diversas origens.

Pergunta n.º6: Considera que esses comportamentos podem manifestar-se nas crianças em idade pré-escolar?

Resposta: Sim, podem manifestar-se nas crianças em idade pré-escolar.

Pergunta n.º 6.1: Se sim, que exemplos de comportamentos agressivos me pode indicar nestas idades?

Resposta: Ora bem, ... (pausa) atirar brinquedos ou objetos ao chão e a outras crianças com agressividade. Bater noutras crianças intencionalmente. Empurrar outras crianças.

Pergunta n.º 7: Na sua perspetiva existe (m) algum motivos (os) para que uma criança manifeste comportamentos agressivos?

Resposta: Eu penso que motivos têm e que os levam a tais comportamentos, cabenos a nós adultos canaliza-los para outras situações utilizando estratégias que no momento, para nós, são as mais corretas.

Pergunta n.º 7.1: Quais?

Resposta: Ora bem, quais... (pausa) Chamadas de atenção. Disputa de brinquedos. Quando contrariados.

Pergunta n.º 8: Na sua perspetiva, existe alguma idade na criança em que o comportamento agressivo possa ser entendido como uma conduta “adaptativa”? Ou seja, em que o comportamento agressiva desempenhe alguma função?

Resposta: a agressividade não pode ser vista como uma atitude “normal” em nenhuma idade. Mas sabia que há um autor que defende que a agressividade pode ser vista com uma manifestação normal. Mielnik diz que é uma atitude adaptativa e que se vai transformando ao longo do desenvolvimento, variando na forma, no objetivo e finalidade. E diz-nos ainda que estes impulsos

agressivos manifestam-se desde o nascimento e durante o processo de socialização. Aah, pois, então penso que não se deve ignorar nenhum tipo de agressividade, aah deve-se ter em conta a sua origem, por vezes o estado emocional e (2 vezes) o objetivo da sua agressividade. Por vezes, em sua defesa algumas crianças têm comportamentos com uma certa agressividade.

Pergunta n.º 9: Quais as causas que considera que se podem encontrar associadas à manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: Quais as causas? Aah, retaliação um amigo magoa outro e mais tarde esse outro, assim que consiga irá bater, empurrar quem magoam. Frustração. Disputa de brinquedos ou objetos. Quando contrariadas.

Pergunta n.º 11: Enquanto educadora de infância, como considera que deve reagir quando se depara com a manifestação de comportamentos agressivos por parte das suas crianças?

Resposta: Como reajo com estas manifestações? Ora bem, com muita calma, tentar perceber as causas do tal comportamento, distrair as crianças com outras atividades.

Pergunta n.º 11.1: Considera essa(s) reações como as mais adequadas? Em que medida?

Resposta: Assim de momento, para mim, são as mais adequados principalmente a calma que tenha transmitir às crianças.

Pergunta n.º 12: Já passou por alguma situação em que uma criança tenha manifestado comportamentos agressivos?

Resposta: sim já, diversas vezes.

Pergunta n.º 12.1: Pode exemplificar?

Resposta: Bem... (pausa) a agressividade entre crianças já assisti diversas vezes na disputa de brinquedos e ou objetos, na posição ou lugar no “comboio”, porque alguém não deixa falar, no parque passam à frente por exemplo no escorrega. Existem bastantes situações no dia a dia que levam algumas crianças a ter comportamentos com alguma agressividade.

Pergunta n.º 13: Como atuou com essa criança nessa(a) situação(ões) em concreto?

Resposta: Por norma tento explicar que não se pode magoar os amigos, e exemplifico como podem resolver a situação e em casos extremos, afasto a criança em questão do local, deixando que se acalme, falo com ela e deixo voltar a brincar, se for o caso.

Pergunta n.º 13.1: Considera que a sua ação foi a mais adequada? Qual foi o resultado?

Resposta: pensamos sempre que é a mais adequado, o que resulta com uma criança pode não resultar com outra. Normalmente no momento resulta, o que por vezes acontece é que algumas crianças tentam ser persistentes/teimosas. **E quando isso acontece? Qual o passo seguinte?** Insisti para que perceba que a sua atitude não é a mais adequada e tento distrai-la com algo.

Pergunta n.º 14: Na sua perspetiva, quais as estratégias de intervenção que se devem implementar perante a manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: é necessário ter muita calma, dialogar com as crianças e tentar que percebam o que o outro sente. Por vezes é necessário um tom de voz mais elevado, mais firme para perceberem que o que fizeram não foi correto.

Pergunta n.º15: Ao longo da sua prática, que estratégias tem utilizado para prevenir a manifestação de comportamentos agressivos ?

Resposta: ...(pausa)através da elaboração das regras da sala, jogos de grupo para favorecer a partilha e cooperação e entreajuda.

Agradecimentos: Mais uma vez obrigada, pela tua disponibilidade em responder às minhas questões e peço desculpa pelo o tempo de duração no que diz respeito à realização da entrevista.

Entrevista n.º 7 Educadora G

Saudações: Boa tarde. Primeiro que tudo queria agradecer-lhe a disponibilidade para responder às minhas questões que estão inseridas na entrevista e explicar-lhe que a entrevista vai ser gravada, mas está garantida a confidencialidade dos seus dados. O objetivo deste estudo é perceber as suas vivências enquanto educadora, relativamente à agressividade infantil.

Pergunta n.º 1: Qual a sua idade?

Resposta: 36 anos.

Pergunta n.º 2: Qual a sua área de formação?

Resposta: Educação de infância. Licenciatura.

Pergunta n.º 3: Quantos anos tem de serviço?

Resposta: 14 anos de serviço.

Pergunta n.º 4: Em que contexto se encontra a exercer funções?

Resposta: Pré-escolar.

Pergunta n.º5: O que são para si comportamentos agressivos?

Resposta: Bom, os comportamentos agressivos manifestados por crianças podem ser de várias origens. Por exemplo: de defesa com comportamentos de defesa quando em conflito por “luta” de alguma coisa (brinquedo) uma criança se defende com uma chapada, palmada, dentada consoante a idade. Para mim, aah, para mim existem também comportamentos agressivos de origem provocatória e exploratória por exemplo uma criança tem vontade de espicaçar, provocar o amigo através do toque, neste caso com um puxão de cabelos ou outro tipo de toque que provoque reação no outro.

Pergunta n.º6: Considera que esses comportamentos podem manifestar-se nas crianças em idade pré-escolar?

Resposta: sim podem manifestar-se em várias situações. Ah se podem.

Pergunta n.º 6.1: Se sim, que exemplos de comportamentos agressivos me pode indicar nestas idades?

Resposta: Pretendes exemplos, então vamos lá: aah, a criança a brincar ao faz de conta e está a fazer que é um adulto e dá palmadas no rabo do amigo fingindo que o amigo é o bebé. A criança quer uma peça, o amigo não dá, bate-lhe na mão. Se uma determinada criança não faz o que a outra quer ao obriga-la pode usar a força. Empurrões e pontapés no recreio.

Pergunta n.º 7: Na sua perspetiva existe (m) algum motivos (os) para que uma criança manifeste comportamentos agressivos?

Resposta: Como já respondi na primeira pergunta na minha opinião os comportamentos agressivos podem ter várias origens, motivos consoante as situações em que acontecem.

Pergunta n.º 7.1: Quais?

Resposta: Os motivos podem ser muitos. Pela minha experiência existem vários motivos mediante as crianças e as situações em que vivem. O que influencia a existência destes comportamentos pode passar e passa sem dúvida pela personalidade da criança e a forma como reage às frustrações e às contradições. Os exemplos que tenho tido ultimamente refletem-se em atitudes agressivas que passam pela incapacidade que a criança tem em lidar com algo que não controla e que quer controlar.

Pergunta n.º 8: Na sua perspetiva, existe alguma idade na criança em que o comportamento agressivo possa ser entendido como uma conduta “adaptativa”? Ou seja, em que o comportamento agressiva desempenhe alguma função?

Resposta: Nenhum comportamento agressivo poderá ser visto como uma atitude normal se for um comportamento que se reflita muitas vezes. Contudo, na primeira infância as crianças ainda tem dificuldades em comunicar nesta fase e sem ser com frequência, penso que poderá ser visto como uma atitude normal. Reforço novamente que a importância frequência desses comportamentos. Dependendo das situações o comportamento agressivo pode desempenhar um papel de extenso visor o que a criança sente é exprime-se de uma forma não adequada.

Pergunta n.º 9: Quais as causas que considera que se podem encontrar associadas à manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: como já referir anteriormente existem causas associadas aos comportamentos agressivos de várias ordens. Ordem familiar, ambiente familiar que não seja completamente adequado. Personalidade da criança. Incapacidade de lidar com as contrariedades e pressão do grupo de amigos.

Pergunta n.º 10: Que situações podem desencadear estes comportamentos nas crianças?

Resposta: Bom... (pausa) existem uma série de situações contudo dependendo do carácter da criança. Relação conflituosa com um determinado amigo, luta por um brinquedo, luta por um lugar em determinado espaço no recreio, provocação de um amigo, defesa de algum comportamento desadequado e resposta a uma contrariedade.

Pergunta n.º 11: Enquanto educadora de infância, como considera que deve reagir quando se depara com a manifestação de comportamentos agressivos por parte das suas crianças?

Resposta: Primeiro tenho perceber o que se passou, como surgem esse comportamento e em que contexto. Conversar com os intervenientes para compreender as duas partes e tentar ser justa na aplicação de “castigos” ou reforço positivo.

Pergunta n.º 11.1: Considera essa(s) reações como as mais adequadas? Em que medida?

Resposta: penso que sim ,pois à partida já os conheço e sei que tipo de atitudes tomar perante as diversas situações.

Pergunta n.º 12: Já passou por alguma situação em que uma criança tenha manifestado comportamentos agressivos?

Resposta: Sim várias. Algumas com outras crianças e outras comigo.

Pergunta n.º 12.1: Pode exemplificar?

Resposta: Vou exemplificar a situação que ocorreu comigo recentemente. Contrariei o comportamento desadequado, a reação foi uma birra em grande escala. Quando a tentei acalmar a sua frustração, a sua reação passou por levantar a mão e bater na minha. Ainda outra situação foi uma criança quer que a outra brinque com ela, ela nega e a reação da primeira é agredir a segunda. O que acontece é que a primeira criança bate na outra porque ela não faz o que lhe é pedido. Como é normal as minhas atitudes, foi conversar com elas e fazer ver cada um a visão da outra.

Pergunta n.º 13: Como atuou com essa criança nessa(a) situação(ões) em concreto?

Resposta: Bom, agarrei a sua mão disse que os meninos não batem nos crescidos, não batem em ninguém e perguntei se ele gostaria que eu lhe fizesse o mesmo, visto assim termos comportamentos idênticos. Lá se acalmou e no fim, após algumas conversas pediu-me desculpa.

Pergunta n.º 13.1: Considera que a sua ação foi a mais adequada? Qual foi o resultado?

Resposta: É assim, na altura foi a atitude que considerei a mais corretas e surgem efeito.

Pergunta n.º 14: Na sua perspetiva, quais as estratégias de intervenção que se devem implementar perante a manifestação de comportamentos agressivos?

Resposta: Bom, para mim as estratégias são... (pausa) aplicar a calma e conversar, se a idade permite, fazer com a criança se aperceba do que fez e as consequências do seu comportamento. Aplicar o castigo adequado.

Pergunta n.º15: Ao longo da sua prática, que estratégias tem utilizado para prevenir a manifestação de comportamentos agressivos ?

Resposta: É assim, as estratégias dependem sempre das crianças em questão e das situações em que surgem os comportamentos. Sem nunca esquecer a importância de conversar com as crianças faze-los sentir na pele do outro, tentar coloca-los sempre na posição do outro.

Agradecimentos: Mais uma vez obrigada, pela sua disponibilidade em responder às minhas questões e peço desculpa pelo o tempo de duração no que diz respeito à realização da entrevista.

Anexo G – Quadro de símbolos

Símbolos	Descrição
(...)	pausa, quando as educadoras faziam uma pausa para pensar raciocinar.
(sorrisos)	quando as educadoras riam das perguntas efetuadas ou quando respondiam e sorriam.
(número vezes)	quando as educadoras repetiam a mesma palavra ou o mesmo som.
(x) ou (y)	quando as educadoras identificaram duas ou mais crianças diferentes.
“ ... ”	quando as educadoras ao discursar “comiam” o som ou letras da respetiva palavra.

Anexo H - Análise de Conteúdos

Bloco III	Categorias	Unidades de Sentido
O que são Comportamentos Agressivos	Comportamento de Origem Verbal	B.(...) descontrolo da criança verbalmente. Verbalizar frases sabendo que isso vai despoletar o choro na criança a quem a frase foi dirigida C.(...) exceder os limites, desafiando o adulto com atitudes menos adequadas verbalmente. E.(...) afirmar-se para o adulto com expressões negativas e atos desadequados
	Comportamento de Origem Física	A. (...) morder, puxões de cabelos, empurrar, beliscões, atirar brinquedos intencionalmente, bater aos colegas e adultos, dar ponta pés. B. (...) descontrolo da criança fisicamente. C (...) bater, utilizando o corpo ou algum objeto, com a intenção de magoar o outro. C. (...) exceder os limites, desafiando o adulto com atitudes menos adequadas fisicamente. Agredir os pares sem motivo aparente e agredir os adultos em situação de contrariedade. D. (...) bater com frequência nos seus pares e em casos extremos nos adultos. E (...) birras, chorarem, bater, dar pontapés, morder. Deitar a língua de fora, cuspir. F (...) atirar objetos ou brinquedos. Bater intencionalmente noutras crianças. Empurrar. G (...) morder, puxar cabelos. G (...) bater quando o amigo não lhe dá uma peça ou brinquedo, quando uma criança não quer fazer o que a outra quer e obriga usando a força. Empurrar e pontapear.
	Comportamento de Origem Emocional	A. (...) tentativa de expulsar o sentimento de frustração. B. (...) lidar com a frustração. D.(...) quando reagem de forma brusca quando são contrariados. E.(...) chamar mais atenção F.(...) quando querem atenção do adulto.
	Comportamento agressivos com os colegas e com os adultos	D.(...) frequência alguma agressividade para com os seus pares e em casos extremos com os adultos. F.(...) quando a criança tem intensão de magoar e sabe que magoa.
	Comportamento de Origem Defensiva	A.(...) quando a criança se defende de alguém que a tenha magoado F.(...) situação de autodefesa. G.(...) Situação de defesa.
	Comportamento de Origem Sociável	D.(...) quando não respeitam as regras da sala ou as regras de convivência em geral. E.(...) não respeitar as regras, não obedecer a ordens simples ou complexas. Desrespeitar os pais levantando a mão.
	Comportamento de Origem Intencional	E.(...) atirar objetos com intenção

Bloco III	Categorias	Unidades de Sentido
Motivos/ causas para o comportamento agressivo	Comportamento de Origem Familiar	<p>A. (...) sentirem diferenças no seio familiar, serem os irmão mais novos ambiente familiar agressivo (violência domestica, discussão sucessiva em casa). As famílias, os exemplos, a falta de atenção, de carinho.</p> <p>B. (...) exemplos de agressões no ambiente familiar.</p> <p>C. (...) ambiente familiar.</p> <p>D. (...) educação que é dada às crianças pelos pais. Crianças habituadas a assistir ou mesmo vitimas de algum tipo de agressão no seio familiar.</p> <p>E. (...) fatores familiar, instabilidade familiar. Apoio familiar</p> <p>F. (...) a forma como são educados em casa.</p> <p>G.(...) ordem familiar: ambiente familiar que não seja completamente adequado.</p>
	Comportamento de Origem Emocional	<p>A. (...) Falta de atenção e carinho. Sentimento de frustração.</p> <p>B. (...) insegurança da própria criança. Excesso de confiança e autoestima. Dificuldade em lidar com a frustração e com o “não”</p> <p>C. (...) insegurança da criança, necessidade de se afirmar, autoestima elevada e dificuldade em lidar com frustração. Autoestima baixa. Necessidade de chamar atenção.</p> <p>D. (...) crianças que não estão habituadas a serem contrariadas.</p> <p>E. (...) fase instável que compromete o seu bem estar. Desvio de personalidade.</p> <p>F.(...) chamadas de atenção e quando contrariadas. Frustração. Quando contrariadas.</p> <p>G. (...) personalidade da criança. Reação às frustrações e às contradições. Dificuldades em lidar com a frustração.</p>
	Comportamento de Disputa	F. (...) disputa de brinquedos objetos.
	Comportamento de Origem Exploratória	G(...) origem exploratória.
	Comportamento de Distúrbios	A. (...) distúrbios comportamentais.
	Comportamento de Retaliação	F (...) uma amigo magoa outro e mais tarde esse outro, assim que consiga irá bater, empurrar... quem o magoou.
	Comportamento de Origem Socializável	<p>A. (...) falta de regras. Discriminação. A não compreensão pelos outros.</p> <p>C. (...) necessidade de regras e limites para encontrar o seu próprio “eu”</p> <p>D. (...) crianças sem regras.</p> <p>E. (...) dificuldade no respeito pelo aceitável e o correto. Falta de valores. Conduta dos elementos educativos.</p> <p>G. (...) pressão d grupo de amigos.</p>

Bloco III	Categorias	Unidades de Sentido
Idade em que o comportamento seja aceito como uma conduta "adaptativa".	Atitudes Defensivas	A.(...) como defesa de acordo com a idade.(batendo, mordendo, gozar) D.(...) quando se defendem de algum amigo que tenha comportamentos agressivos para com ela. F.(...) em sua defesa. F (...) uma amigo magoa outro e mais tarde esse outro, assim que consiga irá bater, empurrar... quem o magoou.
	Atitudes Emocionais	F.(...) ter em conta a origem da agressividade por exemplo o estado emocional. G.(...) visar o que a criança sente e exprimir-se de uma forma não adequada.
	Atitudes Intencionais	B.(...) para a criança atingir um objetivo: aquilo que quer.

Bloco IV	Categorias	Unidades de Sentido
Situações que podem desencadear estes comportamentos agressivos nas crianças.	Comportamento de Origem Emocional	A.(...) frustração por não ser compreendido, sentir a diferença C.(...) a criança tem dificuldade de lidar com a frustração. D.(...) crianças que não estão habituadas a serem contrariadas. E.(...) revolta por falta de atenção e afeto. Quando a criança é contrariada. Quando não vê as suas necessidades e desejos concretizados. F.(...) chamadas de atenção e quando contrariadas G.(...) resposta de uma contrariedade.
	Comportamento de Origem Conflituosa/ provocatória	C.(...) conflito com os pares e com os adultos. F.(...) quando querem atenção do adulto manifestam comportamentos agressivos de forma provocatória G.(...) origem provocatória, que provoca reação na outra criança. Provocação de uma amigo G.(...) relação conflituosa com determinado amigo.
	Comportamento de Origem Defensiva	G.(...) defesa de algum comportamento desadequado.
	Comportamento de Distúrbios Familiares	A. (...) agressividade em casa, sofrer maus tratos.
	Comportamento de Disputa	E.(...)disputa de brinquedos ou objetos. F.(...) disputa de brinquedos. G.(...) luta por um brinquedo. Luta por um lugar num determinado espaço.
	Comportamento de Origem Intencional	B (...) não conseguir atingir o seu objetivo, fazer aquilo que quer. F. (...) quando uma criança tem intenção de magoar e sabem que magoam. G. (...) quando a criança tinha o objetivo de magoar a outra.

Bloco V	Categorias	Unidades de Sentido
Relação do educador ao comportamento agressivo	Atitudes de desvalorização	C.(...) não valorizar muito o comportamento no momento
	Atitudes de diálogo / conversa	A.(...) falar calmante com a criança B.(...) Começar sempre com uma conversa, com a criança sem a expor ao grupo. Conversar com os responsáveis parentais. D.(...) conversar com a criança sobre a situação ocorrida. G.(...) conversar com os intervenientes.
	Atitudes de compreensão	A.(...) tentar perceber o porquê das suas reações e encontrar a melhor maneira de intervir. ouvir a criança C.(...) tentar perceber as razões que levaram a criança a manifestar-se agressivamente F.(...) com muita calma, tentar perceber as causas de tal comportamento. G.(...) tentar perceber o que se passou, como surgiu e em que contexto
	Atitudes tranquilizantes	B (...) pedir ajuda a profissionais especializados, caso seja necessário C (...) manter a calma e não entrar em conflito com a criança agressora para que esta não se descontrole. F.(...) transmitir à criança muita calma.
	Atitudes repreensivas	C.(...) chamadas de atenção para que a criança perceba que não pode voltar a fazer. D.(...) sentar a criança numa cadeira durante alguns instantes. E.(...) abordagem coletiva, chamar atenção do grupo e abordagem individual, chamar atenção da criança em particular. G.(...) aplicação de castigos ou reforço positivo

Bloco V	Categorias	Unidades de Sentido
Situações em que as crianças manifestam comportamentos agressivos	Comportamento com objetos	C.(...) tentativa de agressão ao adulto com uma cadeira. E.(...) quando não tem um brinquedo atira tudo o que está ao seu alcance para o chão.
	Comportamento de Origem Física com os adultos	A. (...) repreender uma criança. Ao repreender a criança belisca e empurra o adulto. B. (...) Puxar cabelos, mandou toda a loiça que estava a sua frente para o chão D.(...) criança que tinha de respeitar determinada regra, a criança levantou a mão para bater no adulto. E.(...) levantar a mão aos pais/ adultos G.(...) levantar a mão e bater na mão do adulto. Bater no amigo quando o outro não faz o que ela pretende.
	Comportamento de Origem Emocional	E.(...) dificuldade em lidar com a frustração. G.(...) criança contrariada por comportamento desadequado, reagiu com uma birra.
	Comportamento de Origem Intencional	E.(...) magoar os amigos com intenção e constantemente F.(...) disputa de brinquedos/ objetos
	Comportamento de Origem Sociável	B.(...) A criança faz uma afirmação e a outra discorda mostrando o seu ponto de vista F.(...) posição/lugar no comboio, cadeira, ou parque passar à frente nos brinquedos e a criança não deixar falar a outra,

Bloco V	Categorias	Unidades de Sentido
Modos/ estratégias de atuação do educador face à manifestação de comportamentos agressivos	Intervenção através do diálogo/ conversa	<p>A. (...) conversa para tentar perceber o motivo. Perguntar à criança se o adulto lhe tinha feito mal.</p> <p>B. (...) conversa individual com a criança. Tentativa de conversar, calmamente com a criança.</p> <p>C. (...) conversar e tentar perceber a razão. Após a criança acalmar, tentativa de conversa com a criança</p> <p>D. (...) conversar com a criança sobre a situação ocorrida e tentar que ela se ponha no lugar da criança para quem teve esse tipo de comportamentos.</p> <p>E. (...)falar com calma, dando espaço e tempo à criança. Conversar sobre as rotinas. Chamadas de atenção.</p> <p>F. (...) dialogar com as crianças e tentar que percebam oque o outro sente.</p> <p>G. (...) Conversar se a idade da criança permitir . Perguntar à criança se gostava que lhe fizessem o mesmo.</p>
	Intervenção através de castigos	<p>E.(...) aplicar castigos moderados</p> <p>G.(...) aplicar o castigo adequado.</p>
	Intervenções valorativas	<p>C.(...) não valorizar muito o comportamento da criança para que não se sinta que foi motivo de atenção.</p> <p>E.(...) adequação de regras bem definidas</p>
	Intervenção de interajuda e cooperação	<p>B.(...) sensibilizar os responsáveis parentais e outro tipo de ajudas</p> <p>E.(...) pedir a sua colaboração para uma tarefa</p>
	Intervenção tranquilizante	<p>F.(...) ter muita calma.</p> <p>G.(...) aplicar a calma</p>
	Intervenção Explicativa	<p>E.(...) Chamar à razão, explicar que o que fez é errado.</p> <p>F.(...) explicar que não se pode magoar os amigo.</p> <p>G.(...) explicar que não se batem nos crescidos, não se bate em ninguém</p>

Bloco V	Categorias	Unidades de Sentido
Estratégias para prevenir a manifestação de comportamentos agressivos	Estratégias de interajuda e cooperação	<p>A.(...) dando atenção à criança, percebendo o ambiente em meio familiar.</p> <p>D.(...) implementação de jogos a pares que promovam a cooperação e a interajuda</p> <p>F.(...) elaboração de jogos de grupo para favorecer a partilha, a cooperação e entreajuda.</p>
	Regras de socialização	<p>C.(...) ser coerente com a imposição de regras e limites.</p> <p>E.(...) reforço de regras.</p> <p>F.(...) elaboração de regras da sala.</p>
	Dialogar / Conversar	<p>A. (...) dialogar diariamente para que a criança consiga separar o que é o bem e o que é o mau .</p> <p>B. (...) conversar com as crianças.</p> <p>G.(...) conversar com as crianças</p>
	Demonstração Emocional	B.(...) carinho, afeto e atenção.
	Atitudes Repreensivas	C.(...) chamar atenção e relembrar como agir adequadamente.
	Atitudes exemplificativa	D.(...) prática de exemplos significativos, que sirvam de modelo à criança.

